



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

BRASÍLIA: A PÁTINA DO FUTURO¹

BRASÍLIA: THE PATINA OF FUTURE

Hugo Segawa

Universidade de São Paulo - FAU-USP

segawahg@usp.br

Resumo

O tempo é o condutor deste ensaio. De uma Brasília ainda no canteiro ao seu cinquentenário. Reporta o impacto da empreitada de Juscelino Kubitschek repercutindo na música, no cinema, na imprensa, até em quadrinhos, em uma estratégia governamental nada ingênua. Amostras de como se lidou com expectativas e a cumplicidade da cultura popular, bem como da alta cultura, demovendo escritores e intelectuais como Adolfo Bioy Casares, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, John Dos Passos, Gilberto Freyre, Clarice Lispector. E o olhar especializado de Manfredo Tafuri e Francesco Dal Co, Robert Hughes, Kenneth Frampton, Alan Hess, James Holston e Frederico de Holanda, entre outros. Trata da passagem de um mito da modernização para a realidade dos paradoxos e das desigualdades, bem como a mudança das percepções de uma cidade em seu começo tida até como natimorto. Reflete sobre a permanência de juízos cristalizados em seu nascimento, como se a cidade fosse uma eterna criança, ou um adolescente problemático, precocemente envelhecido. Focalizando transformações, busca caracterizar expectativas e frustrações sobre uma utopia que não se realizou. E no lugar do sonho, a reinvenção de uma cidade. E alertar para a necessidade da historiografia da arquitetura e do urbanismo se reinventar de tempos em tempos.

Palavras-chaves

Brasília. História do urbanismo. Brasília (Historiografia).

¹ Este ensaio nasceu nos parágrafos iniciais do artigo "After the Miracle: Brazilian Architecture (1960-2000)" (In.: SULLIVAN, 2001). O trecho específico sobre Brasília foi compilado em *Brasília: Antologia Crítica* (XAVIER; KATINSKY, 2012, p.375-379); com o título "O crepúsculo da fase heroica". A sua primeira versão foi publicada no *Docomomo Journal* n. 43, em 2010, com o título "Brasilia: a Myth that Left the Greenhouse". A presente versão foi revisada e ampliada 6,5 vezes do texto de 2010, agora em português.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

Abstract

Time is the driver of this essay. From a Brasilia still on the work site to its fiftieth anniversary. It reports on the impact of Juscelino Kubitschek's work with repercussions on the music, the cinema, the press, even on comics, in a non naive government strategy. Samples of how to deal with expectations and the complicity of popular culture, as well as of the high culture, it discouraged writers and intellectuals like Adolfo Bioy Casares, Jean-Paul Sartre and Simone de Beauvoir, John Dos Passos, Gilberto Freyre, Clarice Lispector. And the specialized glance of Manfredo Tafuri and Francesco Dal Co, Robert Hughes, Kenneth Frampton, Alan Hess, James Holston and Frederico de Holanda, among others. It deals with the passage from a myth of modernization to the reality of paradoxes and inequalities, as well as the change of the perceptions of a city in its beginning even considered as stillborn. It reflects on the permanence of crystallized judgments at his birth, as if the city were an eternal child, or a problematic adolescent, prematurely aged. Focusing on transformations, it seeks to characterize expectations and frustrations about a utopia that has not been realized. And in the place of the dream, the reinvention of a city. And to warn of the need for the historiography of architecture and urbanism to reinvent itself from time to time.

Keywords

Brasília. History of Urbanism. Brasília (Historiography).

Resumen

El tiempo es el conductor de este ensayo. De una Brasilia aún en el cantero a su cincuentenario. Reporta el impacto de la obra de Juscelino Kubitschek repercutiendo en la música, el cine, la prensa, incluso en cómics, en una estrategia gubernamental nada ingenua. Muestras de cómo se lidia con expectativas y la complicidad de la cultura popular, como en el caso de la alta cultura, a disuadir escritores e intelectuales como Adolfo Bioy Casares, Jean-Paul Sartre y Simone de Beauvoir, John dos Pasos, Gilberto Freyre, Clarice Lispector. Y la mirada especializada de Manfredo Tafuri y Francesco Dal Co, Robert Hughes, Kenneth Frampton, Alan Hess, James Holston y Federico de Holanda, entre otros. Se trata del paso de un mito de la modernización hacia la realidad de las paradojas y de las desigualdades, así como el cambio de las percepciones de una ciudad en su comienzo, tenida hasta como un nacido muerto. Refleja sobre la permanencia de juicios cristalizados en su nacimiento, como si la ciudad fuera un eterno niño, o un adolescente problemático, precozmente envejecido.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

Enfocando transformaciones, busca caracterizar expectativas y frustraciones sobre una utopía que no se realizó. Y en el lugar del sueño, la reinención de una ciudad. Y alertar para la necesidad de la historiografía de la arquitectura y del urbanismo reinventar de vez en cuando.

Palabras-clave

Brasília. Historia del urbanismo. Brasília (Historiografía).

1. Introdução

Eu não sou índio nem nada
Não tenho orelha furada
Nem uso argola
Pendurada no nariz
Não uso tanga de pena
E a minha pele é morena
Do sol da praia onde nasci
E me criei feliz
Não vou, não vou pra Brasília
Nem eu nem minha família
Mesmo que seja
Pra ficar cheio da grana
A vida não se compara
Mesmo difícil, tão cara
Eu caio duro
Mas fico em Copacabana

Billy Blanco, "Não vou pra Brasília", samba-canção de 1957.

Billy Blanco (1924-2011), parceiro de Tom Jobim, Baden Powell, João Gilberto e Sebastião Tapajós, entre outros, foi um artista representativo da pré-Bossa Nova e da MPB. Participou da efervescência artística do Rio de Janeiro da década dos anos 1950. Formado em Arquitetura, escreveu um libelo contra a transferência da capital para Brasília. "Samba (que não é de índio) não quer ir a Brasília", noticiou o *Jornal do Brasil* de 1º de novembro de 1957, informando que a execução da versão do grupo vocal Os Cariocas "foi proibida pelos diretores da rádio Nacional e Mauá (oficiais) por considerá-lo ofensivo ao Governo."²

² **RÁDIO** oficial não gostou: Samba (que não é de índio) não quer ir para Brasília. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1 nov. 1957, 1º Caderno, p. 9. Disponível em: <https://fauufpa.org/2014/10/23/nao-vou-pra-brasilia-por-billy-blanco>. Acesso em 30 mar. 2018.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

O colecionador de músicas Jorge Brito contabilizou mais de setenta canções sobre Brasília, “contra e a favor, em um bem-humorado debate, com a participação de um time de craques da música popular brasileira. A polêmica envolveu todo o país e se transferiu para o território das marchinhas, dos sambas, dos cocos, dos xaxados e dos rojões”. ([CONSTRUÇÃO](#), 2013)

Para além da discussão local, Brasília também agitou o meio musical no hemisfério norte.

Luiz Bonfá (1922-2001), violonista do círculo inaugural da Bossa Nova, compositor de alta estima no jazz e na música *middle of the road* norte-americana, em seu primeiro disco solo nos Estados Unidos de 1959, *iAmor! The Fabulous Guitar of Luiz Bonfá*, abria a coleção de músicas com a rítmica faixa “Brasília”.

A saltitante “Brasília”, de cadência hispânica, composta pelo vibrafonista norte-americano Julius Wechter (1935-1999) e sua Baja Marimba Band, popularizou nos círculos de *latin jazz* e *easy listening* o nome da nova capital do Brasil em meados dos anos 1960.

Mais cerebral foi a “Brazilia” de John Coltrane (1926-1967), gravada no lendário Village Vanguard de Nova York em novembro de 1961 com o quarteto do saxofonista norte-americano mais o também saxofonista Eric Dolphy (1928-1964): uma das tantas peças transgressoras que o vanguardista Coltrane experimentou, expandindo os horizontes do jazz ([VOSS](#), 2013).

No cinema, a recém-inaugurada capital foi cenário para dois filmes estrangeiros. *Weit ist der Weg* (“Longo é o caminho”) é um obscuro filme alemão dirigido por Wolfgang Schleif, de 1960, ([Weit ist der Weg](#), 2018) e a produção franco-italiana *L’Homme de Rio* (“O homem do Rio”), dirigido por Philippe Broca e estrelado por Jean-Paul Belmondo e Françoise Dorléac foi uma das grandes bilheterias francesas de 1964. ([The Man from Rio](#), 2018) Márcio Correia Campos fez uma minuciosa análise dessas películas, interpretado o cenário brasileiro no roteiro dos filmes ([CAMPOS](#), 2006).

2. Propaganda e contrapropaganda

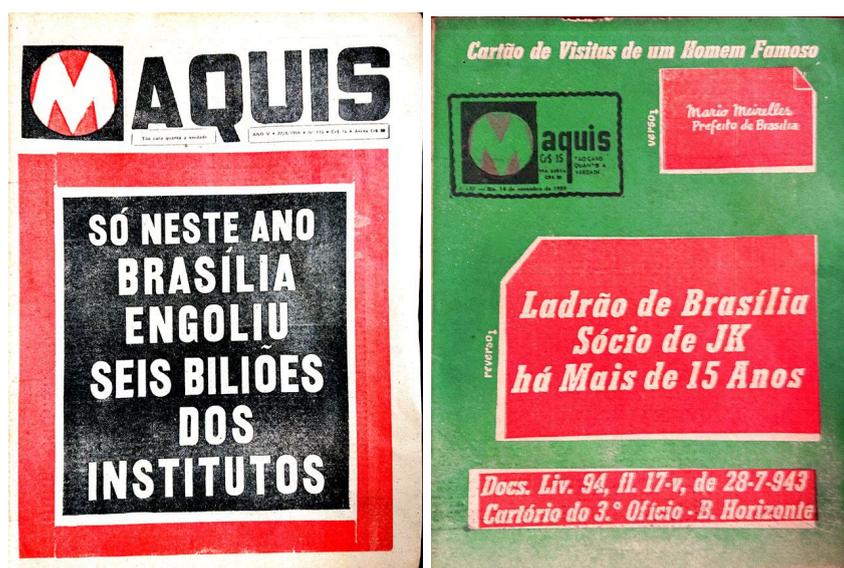
A chamada na capa da edição do jornal *Maquis* de 22 de agosto de 1959 ([Figura 1](#)) denunciava: “Só neste ano Brasília engoliu seis bilhões dos institutos”. A matéria interna, com uma lide: “Brasília ‘autofinanciável’ com o dinheiro dos Institutos de Previdência”, incriminava o governo por má gestão e empreguismo nos Institutos de Aposentadoria e Pensões, e o direcionamento de seus recursos para a construção da nova capital:

Além dos quase quatro bilhões de cruzeiros que já consumiu dos Institutos de Previdência, Brasília vai levar agora mais outro bilhão e meio. Embora a precariedade das instituições seja de atemorizar os presidentes das entidades, e mais ainda os segurados, o Presidente da República determinou que os IAPs enviem mais um bilhão e 184 milhões de cruzeiros para as construções de Brasília, além dos Cr\$ 330 milhões do IPASE. (Só neste ano, 1959)

O jornal atacava, na edição de 14 de novembro de 1959 (Figura 2), o círculo de corrupção em torno do então presidente Juscelino Kubitschek: "Ladrão de Brasília sócio de JK há mais de 15 anos." O pivô da denúncia era chamado de "prefeito de Brasília", o "homem que manda e desmanda nas construções da NOVACAP":

Esse nome é o Dr. Mário Meirelles. Desconhecido para a maioria, ele não é absolutamente estranho ao MAQUIS. Sempre colado ao sr. Joubert Guerra (Tribunal de Contas de Minas, Fábrica Nacional de Motores e agora adido do Catete) e ao sr. Geraldo Gomes de Lemos (chefe das obras da Pampulha e cunhado do sr. Juscelino Kubitschek) – ele compõe com estes um grupo em que estão umbilicalmente ligados por centenas de negócios desde os primórdios políticos de todos eles, ou quase todos, na cidade de Diamantina.

O sr. Mário Meirelles é sócio do sr. Juscelino Kubitschek há mais de quinze anos. Para ser mais preciso, há 16 anos, quando um negócio comprovadamente desonesto foi realizado pelo grupo em Belo Horizonte. Isto em 1943. (Cartão, 1957)



Figuras 1 e 2: Capas do Jornal Maquis.

Fonte: Arquivo do autor.

Maquis foi um periódico quinzenal que circulou entre 1956 e 1962, dirigido pelo jornalista e político Amaral Netto (1921-1985), correligionário do oposicionista Carlos Lacerda (1914-1977). Jornal sensacionalista, infamante, (FERREIRA, 2015) panfletário, vinculado a um “projeto político e intelectual de direita que se traduzia no discurso moralista e bacharelista da UDN de condenação da corrupção como forma de oposição”. (KRAUSE, 2016, p. 26-28) Brasília foi uma das várias frentes nas querelas político-partidárias entre a UDN (União Democrática Nacional) lacerdista e o PSD (Partido Social Democrata) pró-getulista, do qual Kubitschek era um dos expoentes.

Datado de janeiro de 1959, “Brasília, coração do Brasil” (Figuras 3 e 4) é uma história em quadrinhos com 34 páginas publicada como edição especial pela EBAL (Editora Brasil-América) contando a saga de Brasília. Justificava-se: “Esta edição especial [...] dedicada à construção de Brasília, é uma homenagem da Editora Brasil-América a todos os que ali trabalham pela conquista do próprio país”. (BRASÍLIA, 1959)

Foi mais uma produção dentro da vasta coleção da editora dirigida por Adolfo Aizen (1907-1991), tido como o “pai das histórias em quadrinhos no Brasil”. (GONÇALO JR, 2004)





Figuras 3 e 4: Páginas internas e capa da história em quadrinhos “Brasília, Coração do Brasil”.

Fonte: Arquivo do autor.

Um levantamento apurado demonstrará que a inauguração de Brasília foi um ato de grande cobertura da imprensa nacional ([Figuras 5 e 6](#)) e internacional.



Figuras 5 e 6: Capas de revistas cobrindo a inauguração de Brasília.

Fonte: Arquivo do autor.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

O governo investia forte na propaganda da nova capital. O escritor norte-americano John Dos Passos, em visita ao canteiro de Brasília em 1958, registrou que Israel Pinheiro (então presidente da NOVACAP) “despeja em meu colo uma pilha de brilhantes folhetos promocionais: a nova capital do Brasil em quatro idiomas”. ([DOS PASSOS](#), 2013, p. 99) O Serviço de Documentação da Presidência da República editou, em dois tomos em 1958 e 1959, a repercussão da nova capital em artigos no exterior. Como uma clipagem, em Brasília e a opinião mundial, ([BRASÍLIA](#), 1958) reuniram-se matérias (favoráveis) organizadas por continente (África, América, Ásia, Europa, Oceania), divididas por países. Mesmo um organismo aparentemente alheio à questão, a SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia) – instituição criada em 1953 na esteira do Plano de Valorização da Amazônia inscrito na Constituição de 1946 – publicou em 1959 uma antologia de reportagens do jornalista Maurício Vaitsman (? -1977) intitulada Brasília e Amazônia. ([VAITSMAN](#), 1959)

Em discursos dentro do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, identificam-se a sustentação intelectual e ideológica na justificativa para a nova capital. Estudo aponta que não houve relação de causalidade ou determinação entre as teses do ISEB e a política do presidente. ([OLIVEIRA](#), 2006) Todavia, não se pode imaginar uma separação orgânica na produção do Instituto e a ação governamental. ([ABREU](#), s/ data)

O ISEB divulgou uma pretensa coleção de textos sobre Brasília, listados na última capa da única obra que efetivamente se publicou, Brasília e o desenvolvimento nacional, de Roland Corbisier. ([CORBISIER](#), 1960) Na lista constam os títulos “Significação geopolítica de Brasília”, por Josué de Castro; “Brasília, marco histórico da criação de uma cultura contemporânea”;³ “Aspectos sociológicos e econômicos da mudança da capital”, por Júlio Barbosa; “Aspectos institucionais da mudança da nova capital” por José Joffily e “Arquitetura e Urbanismo em Brasília”, por Augusto Guimarães Filho – todos mencionados como “no prelo”. Intui-se que esses trabalhos seriam conferências ministradas no Ministério da Educação e Cultura: um excerto da conferência do médico e então deputado Josué de Castro, proferida em março de 1960, foi publicado na revista Brasília. ([CASTRO](#), 1960, p. 1)

Brasília e o desenvolvimento nacional, de Roland Corbisier, é uma cabal apologia da nova capital. Como epopeia, a “capital do futuro e da esperança”, constituía o discurso

³ O título difere de outra relação de publicações do ISEB impresso no livro Ideologia e Desenvolvimento Nacional, de Álvaro Vieira Pinto (4. ed., Rio de Janeiro: ISEB, 1960), na qual se menciona Brasília, marco histórico da criação de uma cultura mediterrânea, de Primo Nunes de Andrade.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

propagado pelo governo e difundido pelo mundo. Nas palavras nativistas de Corbisier, a nova capital era uma questão de desenvolvimento nacional:

Essa tarefa, porém, de desenvolvimento, de integração nacional, de construção da nação brasileira, essa tarefa, embora seja de conteúdo econômico e social, é fundamentalmente política e ideológica. Não são as forças do mercado, entregues à sua espontaneidade, ao seu livre jogo, que nos permitirão corrigir os desequilíbrios internacionais e os desequilíbrios internos, promovendo no prazo que nos interessa, o desenvolvimento harmonioso e equilibrado do país. A tarefa é urgente porque se trata de reduzir, a prazo curto, a discrepância entre o nosso atraso, a nossa pobreza, e o progresso e a riqueza dos países altamente desenvolvidos. Trata-se de recuperar o tempo perdido e de converter o espaço em tempo, a geografia em história. (CORBISIER, 1960, p. 46)

O presidente Juscelino Kubitschek caracterizou a construção Brasília como uma prioridade de natureza simbólica, na apologia de Corbisier:

A pressa com que está sendo construída corresponde à necessidade de ganhar tempo, de queimar etapas, e atende ao ritmo de urgência que deve caracterizar o nosso desenvolvimento. Se não fosse construída assim, sob o acicate de uma determinação implacável, talvez nunca fosse edificada ou o fosse tarde demais. (Ibid., p. 56)

Cidade-alegoria que capitalizava o prestígio internacional que a arte e a arquitetura brasileiras haviam angariado no pós-Segunda Guerra, (SEGAWA, 2018) a nova capital se prestaria como cenário e palco da capacidade criadora e original de um povo manifestando sua emancipação cultural e afirmando uma nova condição de país em desenvolvimento, entrevedo mudanças sociais:

A edificação da capital atesta a capacidade de criar a instância pedagógica suprema, a cidade que não apenas contenha obras de arte, mas seja, ela própria, uma obra de arte. A partir desse momento, em que se revela capaz de criar a metrópole como expressão autêntica de seu sentimento e de sua visão de mundo, um povo afirma, realmente, a sua força criadora no campo da cultura. [...]

O plano urbanístico, tal como se apresenta nesse trabalho exemplar que é o relatório de Lucio Costa, e a realização arquitetônica de Oscar Niemeyer, talvez o maior artista plástico brasileiro, constituem, pela audácia e pela originalidade, a prova eloquente de que não estamos mais condenados a traduzir, imitar, ou copiar apenas, mas de que já nos tornamos capazes de afirmar livremente o nosso gênio, a nossa força criadora. (CORBISIER, op. cit., p. 63-64)

3. Um cartão postal árido

Um dos saborosos causos do começo de Brasília foi narrado pelo escritor norte-americano John Dos Passos:

Você sai para o aeroporto na escuridão, sob um calor escaldante nas barulhentas ruas de pedra de Manaus: entra em um avião a jato e em quatro horas e meia está em Brasília.

É o maior contraste que se pode imaginar. Manaus é tão impregnada do século 19 quanto uma história de Júlio Verne. Seu ar é denso com exalações da floresta tropical. O de Brasília é vermelho e árido.

Quando o avião baixa para aterrissar, os vislumbres das construções de vidro e concreto, que se estende entre os dois braços do lago como uma feira mundial inacabada ao longo da margem vermelha, são desesperadamente contemporâneos. Fazem lembrar a história que corre sobre o que gritou, ao aterrissar, um astronauta russo que visitava Brasília: "Eu não esperava chegar a Marte tão cedo". (DOS PASSOS, 2013, p. 185)

Uma forma de propaganda não tão subliminar se fez mediante fotografias na imprensa e cartões postais de Brasília, ainda em construção. E mesmo nos primeiros anos de precário funcionamento da administração em edifícios em acabamento ou em instalações provisórias, no lento processo de transferência da burocracia do Rio de Janeiro para a nova capital (Figura 7 e 8). Ao longo deste ensaio, reproduções dessas imagens auxiliarão a visualizar os escritos de viajantes que percorreram a aridez do planalto em construção, como os que passaremos a resgatar. São testemunhos realizados em 1958, 1960, 1962, 1968 e 1970.



Figura 7: Cartão postal. Sem data.

Fonte: Arquivo do autor.

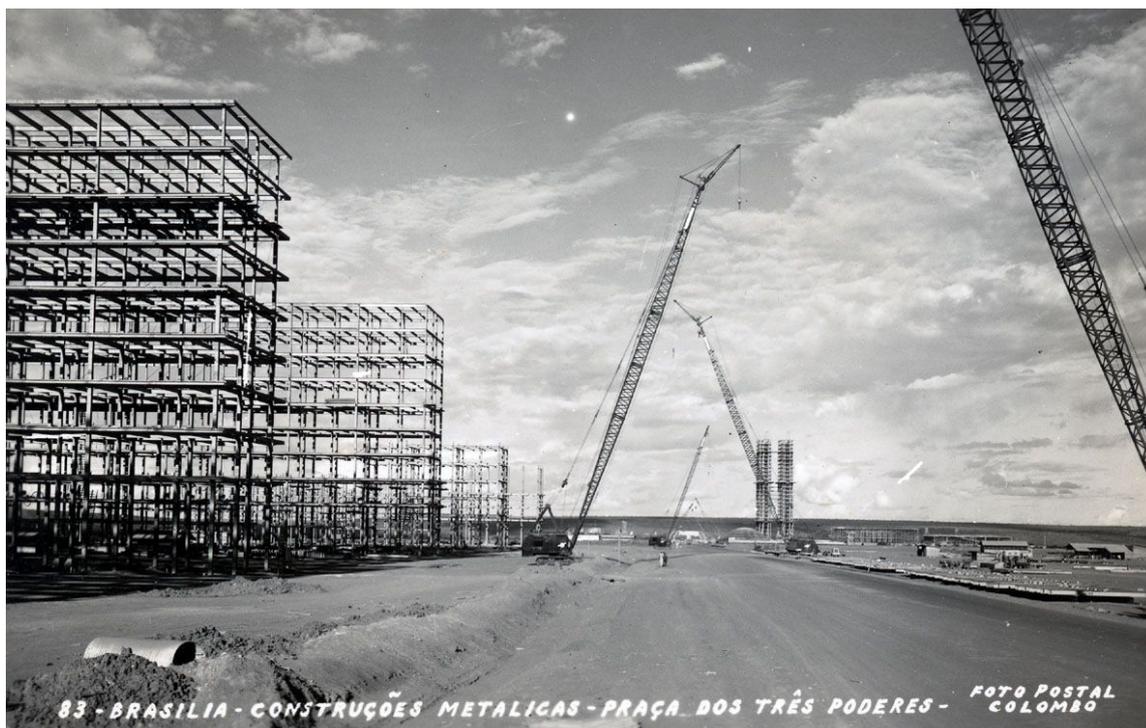


Figura 8: Cartão postal. Sem data.

Fonte: Arquivo do autor.

4. Ano um: bioy casares e o casal sartre-beauvoir

Por aqui, há coisas interessantes, outras moderadamente interessantes e algumas chatíssimas. Conferências, jornalistas, funcionários (é preciso sorrir, e eu mal consigo sorrir), visitas a cidades desmesuradas, gentes e modos de vida estranhíssimos, paisagens soberbas. ([BEAUVOIR](#), 2000, p. 525)⁴

Em 1960, Adolfo Bioy Casares (1914-1999), companheiro intelectual e colaborador de Jorge Luis Borges (1899-1986), veio para o Brasil para um congresso do Pen Club. Supunha-se que ele deveria participar dos quatro dias da reunião. Mas, dois dias depois da chegada ao Rio de Janeiro, ele fez uma reserva para uma viagem de ida e volta no mesmo dia para Brasília. Na quarta-feira, 27 de julho, ele acordou às cinco horas da manhã para tomar o voo para a nova capital.

⁴ Simone de Beauvoir, carta a Nelson Algren de Brasília, datada de 23 de setembro de 1960. ©



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

O que poderia motivar o escritor argentino, aos 46 anos de idade, deslocar-se cerca de 1.150 km para visitar Brasília em apenas um dia? Em suas memórias, ([CASARES, 2010](#)) Bioy Casares não justificou a decisão. A cidade havia sido inaugurada três meses antes. Ele a registrou no seu real alvorecer:

Brasília propriamente dita consiste em um certo número de casas em construção – não tão poucas, observo, como parece visto do ar –, muito distantes uma da outra. Isto tem algo do sonho de arte moderna de um funcionário público de muita imaginação; talvez, de um demagogo de muita imaginação. Desconheço até que ponto a nova capital é necessária e como o conseqüente dispêndio afetará a economia do Brasil; é possível corroborar que as pessoas obrigadas a se mudarem do Rio a Brasília estão ressentidas e tristes. Dizem que destruir os costumes, alterar a vida cotidiana de tanta gente, é criminoso. Brasília é uma operação de sátrapa indiferente a milhares e milhares de pessoas que formaram sua vida no Rio e deverão truncá-la, para começar de novo em outra parte; mas também é uma operação demagógica, porque as multidões, por enquanto não afetadas diretamente, estão orgulhosas, exaltadas de patriotismo. Brasília é ambiciosa, futura, pobre em resultados presentes, incômoda. [...]. Fotografei, não sei com que resultado, casas dignas do pior (ou do melhor, tanto faz) Le Corbusier e índios, com orelhas de um palmo e perfuradas, que há três anos viviam como únicos habitantes na zona. ([Ibid.](#), p. 40-41. Tradução do autor.)⁵

É provável que Bioy Casares tenha escrito essas linhas durante ou um pouco depois da viagem. A narrativa sobre os oito aborrecidos dias de Bioy Casares no Brasil foi publicada apenas em 1991 em uma edição limitada, sem imagens. Das fotos que ele mencionou, nove foram estampadas na segunda edição, de 2010. Sua desapontada crítica é compreensível diante da paisagem desolada e das pessoas que viu, algumas registradas pelas poucas fotos publicadas. O testemunho argentino, publicado três décadas depois da visita, não moldou o imaginário inicial de Brasília difundido por toda parte. No entanto seu conteúdo coincide com as descrições contemporâneas em sua amargura, inquietação e desaprovação.

Uma semana depois de Bioy Casares deixar São Paulo rumo a Buenos Aires, um dos casais mais admirados no mundo, em seu auge, chegou ao Brasil: Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Simone de Beauvoir (1908-1986). Conduzidos pelo escritor brasileiro Jorge Amado (1912-2001), eles viajaram pelo Brasil por mais de dois meses, incluindo uma visita a Brasília.

Beauvoir compartilhou suas dúvidas e contrariedades na autobiografia *Sob o signo da História* (tradução brasileira de *La Force des Choses*): “Uma maquete em tamanho natural”

⁵ A passagem por Brasília merece pouco mais de três páginas, descrevendo outros aspectos que não serão tratados dada a limitação do presente ensaio.

(Figura 9), anotei. Soube, com desagrado, que eu pensava como Lacerda: 'Uma exposição de arquitetura, em tamanho natural'". (BEAUVOIR, 1965, p. 280)



Figura 9: Cartão postal. Sem data.

Fonte: Arquivo do autor.

Ela se molestava por concordar com Carlos Lacerda, o político anticomunista, conservador de oposição a Juscelino Kubitschek. Seu testemunho, pela importância da autora, é dos primeiros depoimentos de uma militante de esquerda que se espalha pelo mundo, para além dos leitores da arquitetura e urbanismo quando publicado em 1963:

Porque é essa falta de humanidade que nos salta logo aos olhos. A avenida principal, com 160 metros de largura e 30 quilômetros de extensão, é meio curva, mas tão suavemente, que parece retilínea (Figura 10). Todas as outras ruas lhe são paralelas ou a cortam em ângulo reto, cruzamentos em forma de trevo evitam qualquer perigo de colisão. Só se pode circular de automóvel. (Ibid., p. 281)



Figura 10: Cartão postal. Sem data.

Fonte: Arquivo do autor.

Conhecedora do estilo de vida americano, as avenidas de Brasília não inspiraram Beauvoir, aos 52 anos de idade, a relacionar o novo sistema de circulação de capital com a cultura automobilística dos Estados Unidos. Seu ponto de vista era tradicionalista:

Estão prevendo um quarteirão reservado aos pedestres, que imitará o emaranhado das *calle* venezianas: tomar-se-á um carro, para ir andar, a dez quilômetros. Mas a rua, esse lugar de encontro entre moradores e turistas, lojas e residências, veículos e transeuntes – graças a essa mistura caprichosa sempre imprevisível – a rua, tão cativante em Chicago como em Roma, em Londres como em Pequim, na Bahia como no Rio, por vezes deserta e sonhadora, mas cujo silêncio é vivo, a rua, em Brasília, não existe e nem existirá. (*Ibid.*, p. 281)

Brasília, cinco meses após a sua inauguração, era uma cidade dispersa, mais para um acampamento do que um lugar com vida urbana real. Um cenário para os comentários sociais de Beauvoir:

Niemeyer interrogava-se, diante de nós, com tristeza: “Pode-se fazer uma arquitetura socialista, em um país que não o é?” E ele próprio deu-se a resposta: “Evidentemente que não”. A segregação social é mais radical aqui do que em qualquer outra cidade, uma vez que há blocos luxuosos, outros médios e outros muito modestos: seus

moradores não se misturam; as crianças ricas não se acotovelam com as pobres, nos bancos escolares; nem no mercado, nem na igreja a mulher de um alto funcionário roça, sequer, a de um simples empregado. Como nos *suburbs* americanos, essas comunidades não concedem a seus membros um mínimo sequer de intimidade privada: sendo cada um igual a todos, nada existe para ocultar aos outros. Brasília parece-se com essa cidade de cristal que Zamiatine imaginou em *Nous autres*⁶: vidros tomam todas as fachadas, as pessoas não sentem a necessidade de correr as cortinas; à tarde, a largura das avenidas permite ver, de alto a baixo, como vivem as famílias, em seus compartimentos iluminados. (*Ibid.*, p. 281)



Figura 11: Cartão postal. Sem data.

Fonte: Arquivo do autor.

Embora Beauvoir estivesse cética sobre o sucesso das áreas residenciais ([Figura 11](#)) (“aliás, que interesse haveria em perambular entre as quadras e as superquadras de seis a oito andares [sic], construídos sobre colunas e cujas variações superficiais não atenuam sua elegante monotonia?”), ela estava entusiasmada com a arquitetura monumental:

No entanto, na Praça dos Três Poderes, todos os monumentos construídos por Niemeyer são belos: o Palácio do Governo, o Supremo Tribunal, os dois arranha-céus

⁶ *Nous autres* é uma ficção científica distópica do russo Ievgueni Zamiatine (1884-1937), escrita em 1920-1921 como uma crítica ao totalitarismo da Revolução Soviética.

onde funcionam as repartições, as semiesferas invertidas que abrigam a Câmara dos Deputados e o Senado, a Catedral, em forma de coroa de espinhos: tudo harmonizado e equilibrado, com sutis assimetrias e nítidos contrastes, que encantam o olhar. (*Ibid.*, 281)

Isolamento e distâncias foram outros aspectos negativos apontados por Beauvoir:

O Brasília Palace (*Figura 12*), a um quilômetro do Palácio do Alvorada, é também de Niemeyer e bonito, mas sufoca-se dentro dele: e que exílio! Mesmo de carro, comprar um vidro de tinta, ou um *bâton*, transforma-se em uma expedição penosa, graças ao calor e à poeira. O vento e o sol resistem às decisões dos construtores. Por toda parte, turbilhões de terra incandescente os desdenham. Na Praça dos Três Poderes seria necessário gastar fortunas, para cobrir de asfalto a terra vermelha. Os homens tiraram do deserto a mais arbitrária das cidades; o deserto retomará se algum dia sua obstinação enfraquecer; cerca-a, ameaçador. O lago artificial não repousa o olhar; essa placa de água azul parece o reflexo terrestre do céu em fogo. (*Ibid.*, p. 281-282)



Figura 12: Cartão postal. Sem data.

Fonte: Arquivo do autor.

O que Beauvoir chama de deserto é, de fato, o cerrado, o segundo maior bioma do Brasil. Seu clima é quente, semiúmido, com uma estação seca de inverno entre maio e outubro. Sartre e Beauvoir estavam visitando Brasília no dia 23 de setembro, durante o período mais seco da estação. Adicionando ações humanas devastadoras para construir a nova

cidade, a paisagem que Beauvoir viu fez com que ela a comparasse (ou confundisse) como um deserto, bem como para o Oeste dos Estados Unidos, o "Faroeste":

Se se tem necessidade de uma passagem de avião, de qualquer medicamento, tem-se de viajar uns vinte quilômetros, à Cidade Livre, onde a construção não está regulamentada. Mal os planos de Brasília foram traçados, construíram, às pressas, barracas de madeira, transformadas em lojinhas, hotéis, restaurantes, agências, habitações (Figuras 13 e 14). Ter-se-ia a impressão de uma cidade do *far-west* onde, em lugar de cavalos e trolés, automóveis, caminhões, peruas sulcam, num ruído ensurdecedor, o calçamento vermelho; as lojas irradiam músicas estrepitosas, os carros de publicidade berram *slogans*. Nas calçadas, é uma confusão; pisam-nos os pés, a poeira avermelha nossos sapatos, entra em nossos ouvidos, irrita nossas narinas, arranha nossos olhos, o sol nos castiga; no entanto sentimos-nos felizes, porque os reencontramos na terra dos homens. Frequentemente acontecem incêndios; a madeira, naquela secura, inflama-se com rapidez; pouco antes de nossa chegada um quarteirão pegara fogo; não houve vítimas, mas viam-se por toda parte, escombros, destroços, móveis enegrecidos, sucata, colchões rasgados. (*Ibid.*, p. 281)



Figura 13: Cartão postal. Sem data.

Fonte: Arquivo do autor.



Figura 14: Cidade Satélite. Foto de autoria desconhecida.

Fonte: Arquivo do autor.

E Beauvoir evidenciava os paradoxos:

Esqueçamos, porém, essa tristeza, vendo, pelas ruas, os candangos abraçando-se e rindo. Eles não riam em Brasília. De dia, trabalhavam; à noite, perambulavam, mornamente, através desse mundo que construíam e que não era para eles. (*Ibid.*, p. 284)

Suas percepções eram amparadas pelos debates em curso no país e tornaram-se referências para muitos outros paradoxos apontados posteriormente:

Presenciei várias discussões sobre Brasília. [...]. Os adversários acham que os trabalhos já custaram em cruzeiros e vidas humanas um preço que nenhuma vantagem de ordem prática compensará [...]. Os capitais tragados por Brasília teriam dado para dotar o Nordeste de uma rede local de estradas, para irrigá-lo e para implantar indústrias. Amado reconhecia que Brasília era um mito: reconhecia, porém, que Kubitschek só obtivera adesões, créditos, sacrifícios, porque se apoiara em um mito; a nação os teria recusado a empresas mais racionais e menos fascinantes. Talvez. Guardo a impressão de ter visto nascer um monstro, cujo coração e pulmão funcionam artificialmente, graças a processos de um custo mirabolante (*Figura 15*).

Em todo caso, dela. Os terrenos que cercam o lago e que deveriam, na concepção de Lucio Costa, continuar propriedade pública, a Municipalidade já começou a entregá-los a compradores. Ainda uma das contradições brasileiras: a cidade número um desse país capitalista foi edificada por arquitetos ligados ao socialismo, que fizeram belas obras e construíram um grande sonho, mas não podiam ganhar. (*Ibid.*, p. 283-284)



Figura 15: Cartão postal. Sem data.

Fonte: Arquivo do autor.

Em uma carta íntima para seu amante norte-americano, Nelson Algren, Simone de Beauvoir confidenciou em poucas frases afiadas o que mais tarde abrandou em *La Force de Choses*:

Estou em Brasília, a mais demente elucubração que o cérebro humano jamais concebeu, no caso, o de Juscelino Kubitschek [...]. Notáveis arquitetos o seguiram, e alguns deles conseguiram imaginar criações de primeira ordem, insólitas e harmoniosas, mas que loucura erguer uma cidade tão artificial no meio de um deserto! Atravessamos de carro cerca de 800 milhas através de uma região mortalmente desértica para chegar a este lugar. Algo de notável foi que os operários que foram trazidos para trabalhar aqui começaram construindo a sua própria cidade, algumas milhas afastadas daqui, simples barracos de madeira e lojas; não há estradas nem pedras. [...] O lugar transborda de poeira e de vida; gostei muito de andar por lá e



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

tomar uns tragos em cafés minúsculos. Mas vou deixar Brasília com o maior prazer – esta cidade jamais terá alma, coração, carne ou sangue. ([BEAUVOIR](#), 2000, p. 525)

Quando passou outra vez por Recife, antes de retornar à França, Sartre dá uma nova entrevista à imprensa, em que fala de suas impressões de Brasília:

A Praça dos Poderes é uma das coisas mais belas que já vi. Niemeyer deu esta contribuição da cultura do Brasil ao mundo, pela síntese que conseguiu entre a linha funcional moderna e o barroco português. As linhas são admiráveis e ele é, talvez, um dos maiores arquitetos do mundo. Não gostei, entretanto, da maneira como foi tratada a vida do habitante. Os conjuntos residenciais organizam a vida dos habitantes de maneira demasiadamente rígida, até em seus movimentos pelas avenidas. ([ROMANO](#), 2002, p. 235)

5. Ano três: John Dos Passos, um visitante recorrente

Não há como ver a cidade sem ser de carro. Em Brasília, um homem sem carro é um cidadão de segunda classe. Os habitantes mais pobres terão de desenvolver roda em vez de pés.

[John Dos Passos](#), 2013 [1964], p. 187

John Dos Passos (1896-1970) é reconhecido como um dos grandes romancistas norte-americanos do século 20. Seu livro *Brazil on the Move*, publicado em setembro de 1963, é um precioso e raro testemunho sobre o país, deixado por um escritor de sua importância. Saudado como um livro de viagens ou documentário, Dos Passos esteve no Brasil para escrever matérias para periódicos norte-americanos em 1948, 1958 e 1962. Em julho e agosto de 1958,⁷ aos 62 anos de idade, esteve no país acompanhado pela mulher e a pequena filha (uma visita misturando trabalho e férias). Publicado no Brasil em 1964 ([DOS PASSOS](#), 1964)⁸ e reeditado em 2013, os capítulos “Uma nação em busca da capital” e “Brasília revisitada” trazem um testemunho sobre a cidade dois anos antes e dois anos depois da sua inauguração. Infelizmente o presente ensaio não comportará todas as saborosas cinquenta páginas dedicadas à nova capital.⁹ Dos Passos registrou as críticas à construção de Brasília:

[...] as pessoas bem-informadas do Rio e de São Paulo provariam a qualquer um, com lápis e papel, que o projeto de Brasília estava fadado ao fracasso. Os cariocas se

⁷ [John Dos Passos](#), 2019.

⁸ Sobre o livro, consultar: [CEPÊDA](#), 2012, p. 221-223; e [FENEJA](#), 2014.

⁹ O escrito de Dos Passos resulta de um conjunto de dados derivados de sua própria experiência e coletas de informações nos locais visitados. Os fatos narrados devem ser verídicos em sua maioria, mas há informes errados, como a que atribui a Lucio Costa a recepção de Le Corbusier no Rio de Janeiro em 1929.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

ressentiam da perda de sua capital. Todo o esquema, eles diriam, foi montado para enriquecer o Estado de Minas Gerais e seus políticos. Seria uma gigantesca especulação imobiliária à custa da economia brasileira. Em sua opinião, a cidade se transformaria em outro grandioso fracasso, como o grupo de torres de água em ferro ornamental decorativo ao estilo da Torre Eiffel, que um prefeito de Belém do Pará comprou na feira mundial de Paris e instalou no centro da velha cidade tropical. Ninguém encontrou uma maneira de conectá-la ao sistema de abastecimento da cidade. [...].

Brasília, insistiam os editorialistas dos jornais do Rio de Janeiro, iria se transformar numa favela deserta em escala colossal. [...]

Por que o dinheiro não era gasto em escolas para combater os 70% de analfabetos no Brasil, ou para iniciar novas indústrias ou estabilizar as finanças?, perguntavam eles. Devastado por uma inflação destruidora – diziam –, a última coisa que o Brasil precisa é manter uma capital localizada a oitocentos quilômetros de lugar algum. [...]

Os prédios já concluídos permaneceriam como mais um monumento à mania brasileira de projetos grandiosos postos em marcha precipitadamente. Os trabalhadores e burocratas do governo continuariam a ocupar suas cadeiras em seus escritórios em um Rio superpovoado e a se deleitar com suas belas praias. Esses céticos estavam aplicando para os brasileiros o velho ditado que costumava ser utilizado para os turcos: sempre construir, raramente terminar e nunca consertar. ([DOS PASSOS](#), 2013, p. 127)

As cidades-satélites ([Figura 16](#)) não escaparam do escrutínio do norte-americano:

Fazia exatamente um mês que os primeiros moradores tinham chegado à cidade. Encontramos centenas de casinhas bem cuidadas distribuídas ao longo de ruas recém-demarcadas, nas quais canos de suprimento de água já estavam sendo instalados. Uma estação de bombeamento abastecia o que afirmavam ser um amplo reservatório de água. A eletricidade já estava a caminho. Uma clínica móvel num trailer pintado de branco funcionava como pronto-socorro. [...]

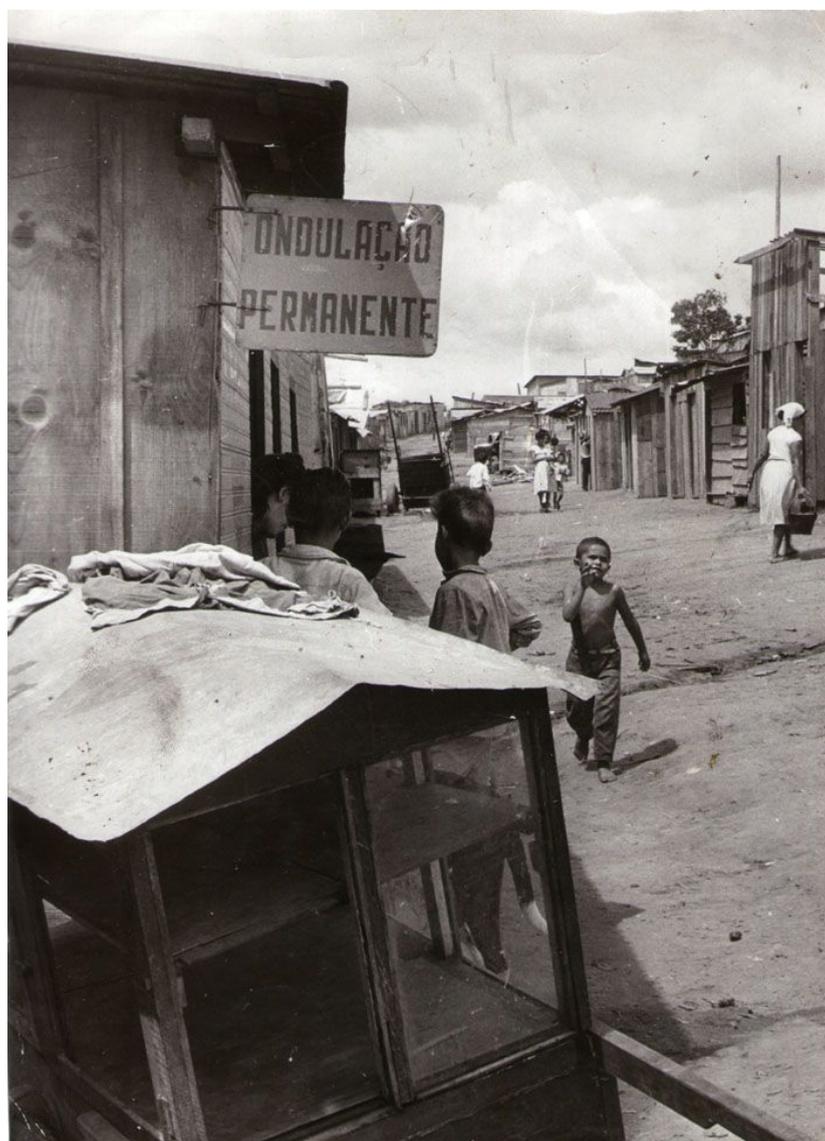


Figura 16: Cidade satélite não identificada. Foto: Andrade, datada de 18 de fevereiro de 1960.

Fonte: Arquivo do autor.

Quando os colonos de Taguatinga falavam sobre Brasília, do gosto para ir e vir, era como se a cidade realmente existisse. Para eles, ela já era uma metrópole. Esses imigrantes não estavam mais preocupados com problemas financeiros e com as dificuldades de transporte do que estiveram nossos imigrantes cem anos atrás, quando se estabeleceram nos estados do Oeste dos Estados Unidos. Eles haviam vendido tudo o que tinham e foram para aquele lugar ermo a centenas de quilômetros de suas casas porque acreditavam em Brasília. (*Ibid.*, p. 133, 135)

Em sua revisita à Brasília, no verão de 1962, alguns registros revelam o lado do crítico de arquitetura e urbanismo, e do escritor alegórico:

O [Hotel] Nacional encontra-se numa elevação que dá para a estação rodoviária central, onde as vias arteriais que formam a espinha dorsal da cidade – a fuselagem do jato de Lucio Costa – convergem por folhas de trevo para as vias que servem as asas. Da porta da frente você descortina uma colina coberta por restos de construção que algum dia será a moderna Montmartre de Lucio Costa, e depois por grandes prédios de escritórios tipo Park Avenue, ocupados por bancos e companhias de seguros, até o que corresponde ao Mall em Washington, D.C., em direção aos brilhantes arranha-céus gêmeos em forma de azulejos dos gabinetes do Congresso. A pilha confusa de materiais de construção, além da estação rodoviária, finalmente se tornará a pirâmide de mármore branco que alojará os teatros interligados de Niemeyer (Figura 17).



Figura 17: Cartão postal. Sem data.

Fonte: Arquivo do autor.

Os dois prédios que ladeiam a Praça do Congresso, o Palácio do Planalto para os gabinetes executivos e o Supremo Tribunal, são paralelogramos de vidro transparente, cada um deles coberto com uma grande placa de concreto sustentada por delicadas e brancas colunas. Para mim, eles estão entre o melhor de Niemeyer. Adequados ao clima e à paisagem. Belos exemplos do seu estilo de corte em papel. Assim também são a estranha e pequena capela presidencial (que, segundo alguns irreverentes,

parece mais um urinol do que um local de adoração) e a encantadoramente simples Igreja de Nossa Senhora de Fátima ([Figura 18](#)).



Figura 18: Cartão postal. Sem data.

Fonte: Arquivo do autor.

O prédio do Congresso em si me parece um notável fracasso. Seu interior é apertado e mal planejado para seu propósito. O exterior é de uma feiura frívola difícil de explicar num projetista com tanto talento para efeitos esculturais. Jefferson costumava chamar a arquitetura de a mais importante das artes “porque mostrava tudo”. Provavelmente o projeto do salão do Congresso expresse o desprezo do fiel comunista pela democracia representativa.

A catedral de Niemeyer, uma enorme coroa de concreto protendido, permanece inacabada. O projeto requer vidro para preencher os espaços entre as altas pilastras. Já impressiona como está. Fico em dúvida se um dia ela será concluída.

Embora as longas linhas horizontais dos prédios de apartamento se ajustem melhor no plano da cidade que a ocasional explosão de arranha-céus ao estilo de Nova York, a monotonia de seus projetos torna-se depressiva. Os próprios apartamentos, vistos de dentro, mostram pouco interesse por parte dos arquitetos pelas necessidades das pessoas que têm de morar neles. A fileiras de tocas idênticas de concreto para os inquilinos de renda inferior expressam, ainda mais perfeitamente que alguns alojamentos federais nos Estados Unidos, o desdém da burocracia do século 20 pelas

multidões anônimas e cujos interesses se supõe que ele esteja dedicado e cuja exploração proporciona seu sustento. Os piores barracos nas favelas adjacentes da Cidade Livre ou de Taguatinga seriam um lugar melhor para se viver ([Figura 19](#)). ([Ibid.](#), p. 186-188, *passim*)



Figura 19: Casas populares. Foto Agenor, datado de 2 de maio de 1958.

Fonte: Arquivo do autor.

6. Primeira década: suspense

Aqueles primeiros anos foram de incerteza e ansiedade para a consolidação da nova capital. O golpe militar de 1964 mudou as expectativas sobre a nova era que Brasília simbolizava. Com a incerteza sobre o futuro, Oscar Niemeyer lembrou o comentário do então Ministro da Cultura da França, André Malraux (1901-1976) para Le Corbusier: "Dizem que Brasília vai ser abandonada. É uma pena, mas que belas ruínas nos daria." ([SODRÉ](#), 1978, p. 112)

Nessa primeira década de existência, outro fundamental analista da identidade e da cultura brasileiras, o sociólogo Gilberto Freyre, denunciava uma "censura oblíqua" de suas posições críticas acerca da nova capital no livro *Brasis, Brasil, Brasília*, ([FREYRE](#), 1968) editado primeiramente em Portugal. No depoimento do sociólogo:



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

Ora, o autor havia sido convidado pelo então presidente Juscelino Kubitschek, seu amigo pessoal, para opinar sobre como estava decorrendo, ainda a meio, a construção de Brasília e opinou. Opinou dizendo que em vários aspectos lhe parecia satisfatória; que a arquitetura, do ponto de vista escultural, ia causar verdadeira comoção mundial, como criação original, do ponto de vista estético. Mas que estava inteiramente deficiente na parte social: não tinham sido ouvidos os ecologistas, os cientistas sociais, os geógrafos, os educadores, os urbanistas; não tinham sido ouvidos outros além dos dois arquitetos responsáveis pela arquitetura puramente estética e, sob vários aspectos, abstrata, de Brasília. (FREYRE, 1982, p. 101-2)

A nova capital, com dez anos de vida, merecia a seguinte contemplação de Clarice Lispector (1920-1977) na crônica "Nos primeiros começos de Brasília", publicado em 22 de junho de 1970: "olho Brasília como olho Roma: Brasília começou como uma simplificação final de ruínas. A hera ainda não cresceu. [...] Brasília é de um passado esplendoroso que não existe mais." (LISPECTOR, 1999, p. 293) Creio que foi a escritora quem melhor formulou o enigma de Brasília:

Mas se digo que a Brasília é a imagem de minha insônia, vêm nisso uma acusação; mas a minha insônia não é bonita nem feia – minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto. Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil; eles ergueram o espanto deles, e deixaram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério. (Ibid., p. 293)

Lispector desafiava o senso comum:

Brasília é artificial. Tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado. Quando o mundo foi criado, foi preciso criar um homem especialmente para aquele mundo. [...]. Não sabemos como seríamos se tivéssemos sido criados em primeiro lugar, e depois o mundo deformado às nossas necessidades. Brasília ainda não tem o homem de Brasília. (Ibid., p. 292)

6. Segunda década: suspeição

O abismo entre o discurso redentor na gênese da cidade e a efetivação dessas aspirações, na conjuntura dos acontecimentos políticos a partir de 1964, tornou a nova capital um forte argumento de descrédito das doutrinas do urbanismo moderno, como preconizadas pelos CIAM e outras vertentes de índole modernista. Epítetos como "cidade-fantasia" ou "quimera urbana" alimentaram a mitologia ou a antimitologia de uma cidade vista com desconfiança e até preconceito, como presunção de utopia.

Uma literatura internacional de *college textbooks* de Arquitetura e Urbanismo, como os de Manfredo Tafuri e Francesco Dal Co (1986), Kenneth Frampton (1980) e William Curtis



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

(1982) criaram visões estereotipadas de Brasília, de modo geral difundindo imagens de uma urbe árida em fotos da cidade recém-construída e em alguns casos, com graves equívocos de informação – o que leva a duvidar sobre a qualidade dessas apreciações.¹⁰ Por outro lado, estudos mais focalizados¹¹ levantam questões concretas e as palavras que se alardeiam em seus títulos – segregação, exclusão, controle social, participação política, cidadania, crise – apontam para análises que privilegiam o conhecimento dos processos políticos e sociais formadores da economia do espaço urbano, em alguns casos esvaziando a compreensão da arquitetura e do urbanismo como providos de carga simbólica específica. Em outro extremo, a exacerbação desse viés: a autonomia pura da arquitetura e do urbanismo frente aos constrangimentos contextuais.

Cidade artificial, uma cidade de artifícios: Brasília, como artifício, foi alvo de críticas internacionais especializadas em meados da década de 1970. *Modern Architecture*, de Manfredo Tafuri (1934-1994) e Francesco Dal Co (n. 1945), é um dos mais corrosivos julgamentos sobre a nova capital:

[Foi] localizado no interior do país, além da selva (sic). Nascida de intenções demagógicas, como símbolo de vitalidade pioneira vestida com trajes burocráticos, foi planejada por Costa com um pueril plano alegórico – o de um avião – e preenchida com um sistema de superquadras residenciais que talvez pretendessem reinterpretar o modelo urbanístico experimentado na União Soviética a partir da década de 1930. Niemeyer produziu a Praça dos Três Poderes – um par de arranha-céus ladeado por uma abóbada esférica e pela fatia de cúpula invertida do Senado e Câmara dos Deputados - juntamente com a catedral, o palácio presidencial e outros edifícios públicos. Nestes, o gratuito é tingido de sofisticação. Embora façam uma boa apresentação, é plena de veleidades supérfluas. (TAFURI; DAL CO, op. cit., p. 354. Tradução do autor.)

Uma abordagem-clichê foi disseminada internacionalmente pela série de televisão da BBC, transmitida em 1980, *The Shock of the New*, escrita pelo documentarista nascido na Áustria, Robert Hughes (1938-2012). Para o apaixonado narrador dos principais movimentos culturais do século 20, Brasília foi a:

única cidade no Ocidente construída a partir do nada ao lado da estrita e nova capital: era necessário, na opinião de seu líder – um supremo narcisista e melindroso chamado

¹⁰ Estas observações foram levantadas em ZEIN; LIMA, 2006, p. 73-76.

¹¹ Entre os quais podemos relacionar, publicados até o ano 2000: PAVIANI, 1985; GOROVITZ, 1985; PAVIANI, 1988; PAVIANI, 1991; PAVIANI, 1996; PAVIANI, 1999; GOUVÊA, 2000. Entre publicações não brasileiras, a obra mais conhecida é HOLSTON, 1989 [edição brasileira: 2005]; EVENSON, 1973; EPSTEIN, 1973; ESPEJO, 1984; SHOUMATOFF, 1987; BAUER, 1997.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

Kubitschek – para mostrar ao mundo algum vigor econômico, ostensivamente “abrindo” o interior. (HUGHES, 1991, p. 209. Tradução do autor.)

Hughes supôs que:

Os dois seguidores sul-americanos mais talentosos de Le Corbusier o projetaram sob a inspiração mais ou menos direta do Criador de formas [...]. Brasília [...] seria a Cidade do Futuro - o triunfo do sol, da razão e do automóvel. Ela mostraria o que o *International Style* poderia fazer quando apoiado por recursos ilimitados e orgulho nacional.

Niemeyer e Costa propuseram uma paródia carioca da *Ville Radieuse*: os edifícios administrativos ao longo de um eixo, e a principal artéria do tráfego cruzando-o, com as habitações dos trabalhadores sobre pilotis atados ao longo dela. O zoneamento era claro e rígido. Cada coisa em seu lugar. Parecia esplêndido nos desenhos e nas fotografias: a mais fotogênica cidade nova do planeta. Com suas amplas avenidas e climático céu, torres objetos-não-identificados¹² e espelhos d’água, Brasília parecia a reconciliação do modernismo utópico com a arquitetura cerimonial do Estado que as Belas-Artes queriam simbolizar um século antes. (HUGHES, op. cit., p. 209)

Robert Hughes destacou a condição arruinada da cidade de um ponto de vista menos metafórico que os de Malraux e Lispector:

A realidade do lugar é marcadamente menos nobre. Brasília foi finalizada ou, de outra forma, foi oficialmente inaugurada em 1960, e desde então tem caído em pedaços em uma extremidade enquanto está inapelavelmente sendo construída na outra: uma fachada, uma favela cerimonial de metal enferrujado, concreto despedaçado, e revestimentos de pedra rachados, feitos a baixo custo por empreiteiros e burocratas. É um grande exemplo do que acontece quando as pessoas projetam para um Futuro imaginado, e não para um mundo real. No Futuro, todos teriam um carro e assim o carro, como nos sonhos de Corbusier, aboliria a rua. Isso foi realizado ao pé da letra em Brasília, que tem muitas milhas de rodovias de várias pistas, com quase nenhum calçada ou passeios pavimentados. Pelo projeto, o pedestre é uma irrelevância – uma irrelevância majoritária, no entanto, uma vez que apenas uma pessoa em cada oito possui ou tem acesso a um carro e, no Brasil, sendo o Brasil, o sistema de transporte público é miserável. Assim, as autopistas estão vazias a maior parte do dia, exceto nas horas de pico, quando todos os carros em Brasília os atolam brevemente no momento em que o resto da população trabalhadora está tentando, sem o benefício de travessias para pedestres ou passagens de nível, para alcançar o outro lado da via para ir trabalhar. (*Ibid.*, p. 211)

A conclusão de Hughes é apocalíptica e moralista:

¹² Hughes utiliza a expressão “*saucer towers*”. Poderia estar se referindo às coberturas das plenárias do Congresso, associando-as às torres. Desconhecendo a real intenção metafórica desse autor, traduzimos com dúvida.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

Assim, Brasília, em menos de vinte anos, deixou de ser a Cidade do Amanhã e se transformou em ficção científica de ontem. É um testemunho caro e feio do fato de que, quando os homens pensam em termos de espaço abstrato e não de lugar real, de significados únicos e não múltiplos, e de aspirações políticas em vez de necessidades humanas, eles tendem a produzir quilômetros de lugares-alguns pessimamente construídos, infestado com Volkswagens. A experiência, pode-se esperar, não será repisada; o repto utópico se encerra aqui. (*Ibid.*, p. 211)

Para Kenneth Frampton, em sua História crítica da arquitetura moderna (cuja primeira edição data de 1980), Brasília

levou o desenvolvimento progressivo da arquitetura brasileira a um ponto crítico. Essa crise, que terminaria por provocar uma reação mundial contra os preceitos do Movimento Moderno, impregnou todo o projeto, não apenas no nível da construção individual, como também na escala do plano em si. (*FRAMPTON*, op. cit., p. 312)

Brasília, como um argumento paralelo a Chandigarh de suas considerações, também se caracterizava “entre a monumentalidade isolada do centro governamental [...] e o resto da cidade”. Mas no Brasil, “o plano geral era menos sistemático em sua concepção básica”:

Brasília emergiu como *duas cidades*: a cidade monumental do governo e dos altos negócios, para a qual os burocratas se deslocavam a partir do Rio de Janeiro por via aérea, e a “cidade dos barracos”, ou das favelas, cujos habitantes serviam ao “esplendor” da cidade alta. Mesmo dentro de seus próprios limites, Brasília (como a Ville Radieuse de Le Corbusier, de 1933), era uma cidade dividida em zonas diferentes conforme a estrutura de classe. Contudo, à parte a evidente desigualdade social reforçada por semelhante distribuição, Brasília também produziu resultados formalistas e repressivos no nível de sua própria representação. (*Ibid.*, p. 211)

Curiosa a leitura ligeira que Frampton faz do desenho da cidade, compatível com a de Tafuri & Dal Co:

Brasília, apesar de seu padrão ortogonal de superquadras, baseava-se fundamentalmente em uma forma de cruz. É como se os princípios míticos do Humanismo europeu, de modo como foram reinterpretados das obras das últimas fases de Le Corbusier, houvessem determinado a estrutura de Brasília com consequências infelizes, pelo menos do ponto de vista de acesso. (*Ibid.*, p. 211)

As reações negativas à Brasília conheceram momentos igualmente épicos, como uma iniciativa noticiada e defendida pelo poeta e escritor Gerardo Mello Mourão (1917-2007) em 1992, propondo a volta da capital do país para o Rio de Janeiro:



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

Articulado por intelectuais e professores, iniciou-se um movimento para a volta da capital do país para o Rio de Janeiro. A iniciativa nasceu no seio da Academia Brasileira de Filosofia, promovida por alguns de seus membros, tendo como primeiro porta-bandeira o filósofo João Ricardo Moderno, professor de filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro que, ao lado do historiador Joaquim Ponce Leal, vem coordenando um manifesto e uma entidade jurídica para a sustentação dessa oportuna e patriótica campanha. (MOURÃO, 1992, p. 1-2)

Mourão tece duras críticas a Kubitschek ("Até o governo de Juscelino nunca se encontrara um presidente suficientemente insensato para cometer a temeridade da mudança. O marechal Floriano, que, como JK, era um homem que nunca leu um livro chegou a pensar concretamente na ideia"), entre outras justificativas, encerrava seu libelo evocando questões econômicas e éticas:

O sr. Eugenio Gudín, que podia não saber muitas coisas, uma delas sabia: fazer contas. Pois até morrer ele insistia, com os números no bico do lápis, que o melhor negócio que o Brasil podia fazer, mesmo a esta altura do campeonato da burrice mudancista, era fechar o saco sem fundo, fechar as portas de Brasília, dar por perdido e voltar ao Rio de Janeiro. E o velho Gudín falava apenas de prejuízos contábeis, fiduciários. Não fazia o contencioso dos prejuízos morais e culturais que estão explodindo no mar da lama da camorra que tomou o poder, com os PCs, os FCs, os PPs e outras siglas execráveis brotadas da capital deste país que Emil Farhat chamava de "o país dos coitadinhos". (MOURÃO, 1992, p. 1-2)

A iniciativa não prosperou, e alguns envolvidos se mostraram figuras polêmicas por suas posições oportunistas. (FRAGA, 2012)

6. Terceira década: crítica e resgate

Um artigo publicado na extinta revista norte-americana *Progressive Architecture* em 1991 é provavelmente uma das primeiras considerações revisionistas internacionais sobre Brasília. Foi escrito por Alan Hess (n. 1952), um arquiteto norte-americano dedicado ao estudo da arquitetura moderna norte-americana e brasileira. Uma revisão que reconheceu em sua avaliação o fator tempo:

Brasília, esse teste de Rorschach¹³ arquitetônico, incorporou todas as paixões e a maioria dos pecados da arquitetura moderna em sua inauguração há trinta anos. Agora que a capital brasileira atingiu uma meia-vida menos radioativa, é seguro retornar para outro olhar. (HESS, 1991, p. 96. Tradução do autor.)

¹³ O teste de Rorschach (popularmente conhecido como 'teste do borrão de tinta') é uma técnica de avaliação psicológica pictórica, comumente denominada de teste projetivo, ou mais recentemente de método de autoexpressão. Teste de Rorschach. WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teste_de_Rorschach . Acesso em: 22 fev. 2018.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

Alan Hess conhecia a literatura específica sobre Brasília. Ele endossou essas narrativas com um posicionamento relativo e contra-argumentou a análise de Robert Hugues em *The Shock of the New*:

É sempre informativo ver visões construídas. Eles geralmente ficam insuficientes, mas as motivações são sempre fascinantes. Algumas colunas rachadas não constituem uma crítica penetrante a Brasília; todo o Brasil está enferrujando e se fragmentando estes dias. O caos econômico tem um impacto na arquitetura visionária. Esse tipo de contradição sempre foi parte de Brasília: fundada sob uma democracia, a cidade passou a maior parte de sua existência como a capital de uma ditadura militar; por trás das fachadas deslumbrantes, seus escritórios estão sobrecarregados, mas despreparados; em uma cidade projetada para o automóvel, a maioria dos cidadãos ainda não tem um.

Ainda em contra-argumento a Hughes:

Brasília é uma cidade vinculada à paisagem. As nuvens altas dominam o céu azul sobre um horizonte côncavo, embora o predomínio da natureza não amesquinhe o rebanho de monumentos brancos de Oscar Niemeyer visíveis à distância; em vez disso, eles ressaltam as qualidades da paisagem. A burocracia pode refletir uma atmosfera kafkiana,¹⁴ mas a cidade em si pode ser qualquer coisa, menos claustrofóbica. Monumentos generosamente espaçados e panoramas distantes fluem para os espaços públicos de forma que o urbanismo Beaux-Arts nunca tenha logrado possibilitar. As retilíneas torres do Congresso, a cúpula e o prato rasos e brancos do Senado e da Câmara – são ecos abstratos do entorno. (HESS, op. cit., p. 96)

Referindo-se à crítica de Simone de Beauvoir sobre a ausência de ruas tradicionais:

"A rua, Brasília, não existe e nem existirá", reclamava Simone de Beauvoir, mas ela estava errada. As ruas no sentido parisiense podem estar ausentes, mas hoje é claro que as ruas no sentido de Los Angeles são a liga que mantém a cidade unida. O esboço inicial de Lucio Costa para a cidade foi um sábio diagrama de transporte que distinguiu habilmente a função dupla e os papel cerimonial do automóvel na cidade moderna. Brasília foi a primeira Capital Rodoviária. (HESS, op. cit., p. 96)

Um californiano graduado em Los Angeles, Hess defende um outro ponto de vista para compreender a proposta de Lucio Costa:

Imagine Los Angeles construído para o programa de Washington, D.C. Mas, em vez de lava-carros e postos de gasolina, Brasília aplica as regras arquitetônicas da estrada

¹⁴ Refere-se às observações de Bruno Zevi no artigo "Architettura brasiliana: Kafka nel Mato Grosso" publicado no semanário italiano *L'Espresso* de 25 de outubro de 1959, p. 16, a partir de seu contato direto com Brasília ao participar do Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte em 1959. (ZEVI, 1978, p. 408-411.)



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

para ministérios e monumentos. A dispersão é artisticamente composta. Os norte-americanos inventaram o *strip*,¹⁵ mas os brasileiros foram os primeiros a compreender seu potencial monumental. (HESS, op. cit., p. 97.)

Na seguinte consideração sobre as superquadras, ele argumentou com Hughes, Beauvoir e com a crítica à maneira de Tafuri & Dal Co:

As superquadras, características do esquema de habitação de Brasília, também são surpresas. Em vez de tornarem-se desanimados Pruitt-Igoes,¹⁶ eles se transformaram em vizinhanças reais. Escolas, igrejas e ruas comerciais estão dentro de uma caminhada fácil. Apesar de sofrer de uma falta geral de manutenção, os blocos padronizados de seis andares não são opressivos; os pátios sem carros e os jardins que interligam vários edifícios residenciais formando uma superquadra são um modelo de diversidade urbana. (HESS, op. cit., p. 97.)

O relato de Alan Hess expressou críticas extraídas do que experimentou da cidade como viajante. Do mesmo modo que fizeram Bioy Casares e Beauvoir trinta anos antes. Mas em outra circunstância, consciente das opiniões passadas. Observou o norte-americano: "os temores – ou esperanças – que que ela poderia desmoronar se provaram infundadas. Brasília tornou-se uma cidade." (HESS, op. cit., p. 97.)

Hess escreveu o artigo para a revista *Progressive Architecture* dois anos após a publicação, nos Estados Unidos, de uma das análises mais difundidas e crítica a Brasília: a tese apresentada na Universidade de Yale pelo antropólogo norte-americano James Holston, atualmente professor da Universidade da Califórnia, Berkeley. *The Modernist City: an Anthropological Critique of Brasília* foi publicada em 1989 e traduzida para o português (HOLSTON, 1993) com ampla audiência no Brasil. Ele foi elaborado após dois anos de pesquisa de campo (1980-1982), o que assegurou uma construção mais fundamentada, não resultante de impressões de jornadas efêmeras ou passageiras.

Essa tese foi sendo contestada por outra tese, O Espaço da Exceção, apresentada em 1998 na Bartlett School of Architecture and Planning em Londres por Frederico de Holanda (n. 1944):

[Holston] identificou corretamente um conjunto de mitos sobre a capital brasileira, mas terminou por oferecer o que afirmou mais querer evitar: uma visão reducionista e dogmática sobre a cidade e sobre as representações que as várias classes sociais fazem dela. (HOLANDA, 2002, p. 41)

¹⁵ O *strip* é uma longa rua em uma cidade na qual há muitas lojas, restaurantes e hotéis.

¹⁶ Conjunto habitacional de inspiração CIAM construído em 1955 Saint Louis, Estados Unidos, que foi implodido em 1972 com a alegação de sua decadência física e social. Charles Jencks considera sua demolição como o marco simbólico do fim da arquitetura moderna (JENCKS, 1977, p. 9.)



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

Holanda investigou vários estudos produzidos após a década de 1980, alguns deles chamando a atenção para a recepção positiva da cidade por seus habitantes. Segundo o professor de Brasília:

Holston viu apenas o oposto: seu material aponta exclusivamente para uma radical crítica feita por parte de pessoas que vivem em Brasília, o que obviamente não correspondem à realidade. A evidência por mim trabalhada mostrará que seu material foi extremamente seletivo. Além disso, Holston argumentou como se todas as classes sociais tivessem o mesmo tipo de expectativa sobre a forma da cidade. Ele ignorou os vários modos de inserção dos agentes sociais no funcionamento de uma sociedade contraditória, que implicam distintos modos de vida e, assim sendo, distintos modo de produzir, usar e avaliar o espaço urbano. ([HOLANDA](#), 2002, p. 41)

Em sua pesquisa de campo, Holanda descobriu que morar no Distrito Federal é “bom” ou “ótimo” para a maioria em todas as classes sociais e / ou faixa de renda, contrariando o que ele chama de “crítica dogmática”, como Holston. ([HOLANDA](#), 2002, p. 350)

Já em 1999, o crítico norte-americano Paul Goldberger escrevia na revista *The New Yorker*: “com os sonhos socialistas do modernismo há muito descartados, e a economia brasileira em recessão, a cidade parece um fantástico remanescente dos ideais utópicos, embora não tenha se tornado um lugar deserto como temiam os críticos da época,”– em um artigo em que se perguntava: “porque a capital está mais atraente do que nunca?”. ([GOLDBERGER](#), 1999, p. 5)

7. Quarta década: a realidade

Em sintonia com a pesquisa realizada por Frederico Holanda na década anterior, em 2005 a Fundação Getúlio Vargas divulgou um ranking do grau de satisfação dos habitantes das 26 capitais brasileiras e do Plano Piloto do Distrito Federal. A pesquisa considerou, como base do Índice de Condições de Vida (ICV) doze indicadores para a classificação das capitais: renda total familiar; quantidade de alimentos consumidos; tipos de consumo de alimentos; serviço de água; coleta de lixo; iluminação de rua; drenagem e escoamento de água de rua; fornecimento de energia elétrica; problema com rua ou vizinhos barulhentos; problemas com poluição ou ambientais causados pelo trânsito ou indústria; problemas com violência ou vandalismo na área de residência; condições de moradia da família. O Rio de Janeiro ficou na 10ª posição, avaliada 20,50% acima da média nacional. São Paulo ocupou a posição seguinte, com 18,91%. Brasília alcançou a melhor avaliação, ficando no primeiro lugar, com 113,52% acima da média nacional. ([BLUMENSCHNEIN](#), 2005.; [BRAFMAN](#), 2005, p. C1)



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

O coordenador dessa pesquisa, Fernando Blumenschein, declarou na época que “a pesquisa é uma espécie de ‘mapa dos problemas’ que têm impacto direto na percepção da qualidade de vida das pessoas”, e que o “monitoramento pode auxiliar na formulação de políticas públicas mais adequadas e mais eficientes nas diferentes camadas da população”, acerca do objetivo do indicador de satisfação que o ranking trouxe. ([População](#), 2005)

8. “esta cidade traçada no ar”

Eu caí em cheio na realidade, e uma das realidades que me surpreenderam foi a rodoviária à noitinha. Eu sempre repeti que essa plataforma rodoviária era o traço de união da metrópole, da capital, com as cidades-satélites improvisadas da periferia. [...]. Então eu senti esse movimento, essa vida intensa dos verdadeiros brasilienses, essa massa que vive fora e converge para a rodoviária. [...].

E o “centro de compras” [...] é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta dele foram esses brasileiros verdadeiros, que construíram a cidade e estão ali legitimamente. [...]. Eles estão com a razão, eu é que estava errado. Eles tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles. Foi uma bastilha. Então, eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser, Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor do que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído.

Lucio Costa, 30 de março de 1987. ([RELATÓRIO](#), 1991, p.8)

“Esta cidade traçada no ar”, no dizer de Clarice Lispector (1999, p.294), foi riscada por Lucio Costa (1902-1998). Por um longo tempo ele foi um defensor solitário da nova capital. Costa se manteve longe dela durante a ditadura militar. “Brasília, cidade que inventei” –dizia ele –, surpreendeu até mesmo seu delineador em 1987, ano que a revisita. Desconcertado com o seu vigor, ele ficou perplexo, admirando a exuberância da vida urbana, simbolizada na plataforma rodoviária. Ele encontrou uma outra cidade. Em um lapso de pouco mais de vinte anos, Lucio Costa surpreendeu-se que uma outra cidade foi inventada.

Em um exercício de realismo fantástico, como seria um retorno de Adolfo Bioy Casares, Simone de Beauvoir, John Dos Passos ou Robert Hughes por volta de 2010, no cinquentenário de Brasília?

“Esta cidade jamais terá alma, coração, carne ou sangue”, escreveu Simone de Beauvoir. Talvez hoje poderíamos recomendar a ela conhecê-la seguindo o Novo Guia de Brasília, publicado em 2014, um descolado roteiro produzido pela arquiteta Gabriela Bíla, que “busca, de forma bem-humorada, investigar as apropriações que os brasilienses têm feito da



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

cidade que lhes foi dada quase pronta”. (BÍLÁ, 2014, p. 11) Em suas páginas, os viajantes poderiam se familiarizar com as habitações do Plano Piloto e das cidades-satélites com “a vida sobre pilotis”. Também para conferir o vaticínio de John Dos Passos: “os próprios apartamentos, vistos de dentro, mostram pouco interesse por parte dos arquitetos pelas necessidades das pessoas que têm de morar neles.”

Conferindo o guia, também os viajantes poderiam visitar as “ruas dos bares” a “festa na rua”, as “festas de sempre”. As “figuras da noite”, a “comida de rua”, ou saber que “Brasília é um ovo”:

Diz a lenda que em Brasília só existem três pessoas: eu, você e nosso amigo em comum. Se a teoria dos sete links que separam todas as pessoas no mundo for verdade, sem dúvida, aqui, essa distância deve cair para uns dois links. É praticamente impossível conhecer alguém da sua faixa etária que não tenha nenhum tipo de vínculo com outros conhecidos seus. [...].

Ainda que nas duas últimas décadas a vida noturna tenha aumentado consideravelmente suas opções, as festas que as pessoas dão em suas próprias casas costumam ser as mais divertidas, e onde, mesmo que você não tenha a mínima ideia de quem seja o anfitrião, com certeza vai encontrar um mar de rostos conhecidos. (BÍLÁ, 2014, p. 152)

Simone de Beauvoir compartilharia com Lucio Costa o reconhecimento da vitalidade que já se esboçava em 1960: “algo de notável foi que os operários que foram trazidos para trabalhar aqui começaram construindo a sua própria cidade, algumas milhas afastadas daqui [...]. O lugar transborda de poeira e de vida; gostei muito de andar por lá e tomar uns tragos em cafés minúsculos.”

“Quando os colonos de Taguatinga falavam sobre Brasília, do gosto para ir e vir, era como se a cidade realmente existisse. Para eles, ela já era uma metrópole,” observou Dos Passos. Esses colonos foram descritos também por Beauvoir: “vendo, pelas ruas, os candangos abraçando-se e rindo. Eles não riam em Brasília. De dia, trabalhavam; à noite, perambulavam, mornamente, através desse mundo que construíam e que não era para eles.” Cinquenta anos depois, a cidade estava ocupada pelos candangos e seus descendentes, no olhar complacente de seu urbanista.

Robert Hughes criticava: “é um testemunho caro e feio do fato de que, quando os homens pensam em termos de espaço abstrato e não de lugar real, de significados únicos e não múltiplos, e de aspirações políticas em vez de necessidades humanas, eles tendem a produzir quilômetros de lugares-alguns pessimamente construídos, infestado com Volkswagens.” Se abstração é uma operação mediante a qual alguma coisa é separada como



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

objeto de consideração, isolada de outras coisas com que está em relação, a Brasília real mostrou que Hughes também produziu uma análise abstrata: “a realidade foi maior que o sonho”.

Uma cidade infestada “com Volkswagens” soa datado e hoje engraçado. “Só se pode circular de automóvel”, escreveu Beauvoir. “Os habitantes mais pobres terão de desenvolver roda em vez de pés”, profetizou John Dos Passos. O tempo não confirmou Hughes: “as autopistas estão vazias a maior parte do dia, exceto nas horas de pico”. A indústria automobilística inundou as metrópoles brasileiras nas últimas décadas. Lucio Costa, em uma entrevista em 1987 (alguns anos depois do documentário de Hughes), assumia o fetichismo sobre o automóvel, em contexto de diálogo sobre Brasília:

[O carro é] um animal doméstico, um bicho caseiro que faz parte da família. Sempre insisto neste aspecto: o automóvel, hoje em dia, faz parte da família, toda família burguesa tem pelo menos um carro. Não é um inimigo; é um bicho bonito também. (SEGAWA, 1987, p. 152.)

Todavia, o preâmbulo da sentença de Robert Hughes ainda é vigente: “o sistema de transporte público é miserável”, apesar do metrô, não previsto no projeto urbano original.

“Guardo a impressão de ter visto nascer um monstro, cujo coração e pulmão funcionam artificialmente, graças a processos de um custo mirabolante”; “os capitais tragados por Brasília teriam dado para dotar o Nordeste de uma rede local de estradas, para irrigá-lo e para implantar indústrias” escreveu Beauvoir. “Desconheço até que ponto a nova capital é necessária e como o conseqüente dispêndio afetará a economia do Brasil,” observou Bioy Casares; “todo o esquema, eles diriam, foi montado para enriquecer o Estado de Minas Gerais e seus políticos. Seria uma gigantesca especulação imobiliária à custa da economia brasileira”; “devastado por uma inflação destruidora – diziam –, a última coisa que o Brasil precisa é manter uma capital localizada a oitocentos quilômetros de lugar algum,” registrou Dos Passos das conversas que ouviu.

As críticas ao dispêndio para a construção da nova capital – “a burrice mudancista” nas palavras de Gerardo Mello Mourão – tinha sua pertinência. Mas se tornou uma mácula irreversível, tornando-se burlesca em afirmações como “fechar as portas de Brasília, dar por perdido e voltar ao Rio de Janeiro”, em 1992. Enganou-se Beauvoir quando escreveu: “os homens tiraram do deserto a mais arbitrária das cidades; o deserto retomará se algum dia sua obstinação enfraquecer; cerca-a, ameaçador.” A maior ameaça não é a natureza. A ameaça maior são os homens, que desejam matar o filho problemático, que cresceu.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

Para Bioy Casares, Brasília era “uma operação demagógica, porque as multidões, por enquanto não afetadas diretamente, estão orgulhosas, exaltadas de patriotismo”. “[Jorge] Amado reconhecia que Brasília era um mito: reconhecia, porém, que Kubitschek só obtivera adesões, créditos, sacrifícios, porque se apoiara em um mito; a nação os teria recusado a empresas mais racionais e menos fascinantes”, comentou Beauvoir.

Bioy Casares e Jorge Amado (no testemunho de Beauvoir) corroboram uma percepção positiva (apesar das pesadas críticas da oposição) e um reconhecimento popular durante a construção de Brasília, cujos posicionamentos (de admiração, de contrariedade, de espanto) floresceram na música, no cinema, na literatura, na imprensa, em cartões postais – espontaneamente ou não. Com procedimentos que envolveram massiva estratégia propagandista para influenciar a opinião pública internacional e nacional. Até o público jovem, mediante a perspicaz e inovadora divulgação por meio de história em quadrinhos.

9. A reinvenção de uma cidade

No alvorecer de Brasília, o discurso governamental atribuiu uma dimensão épica à iniciativa. Essa narrativa, explícita na segunda metade dos anos 1950 no interior do ISEB, enunciava a visão oficialista da época. Caracterizou uma cosmovisão que sustentava a euforia nacional-desenvolvimentista de alcance quase consensual no país.

Tinha razão Bioy Casares quando de sua visita: “Brasília é ambiciosa, futura, pobre em resultados presentes, incômoda.” E o presente – quaisquer sejam os recortes possíveis ou desejáveis – nunca é eterno.

Anunciada como a “capital do futuro e da esperança”, essa propaganda idealizada se tornou uma contrafação: criou uma expectativa internacional sobre uma urbanização ainda muito precoce dos primeiros anos, que frustrou mesmo os visitantes com boa vontade. O fim do mandato presidencial de Kubitschek e o golpe de estado em 1964 alteraram o curso do país e da cidade. A ditadura militar não abandonou Brasília, e até mesmo continuou a desenvolver o planejamento original de uma forma ou de outra. Mas esvaziou a magnitude cultural da nova capital. Fernando Lara constata a redução da presença da arquitetura brasileira e Brasília nas revistas especializadas internacionais na década dos anos 1970. (LARA, 2000) A retração do interesse sobre a cidade nas duas décadas seguintes à sua inauguração ajudou a perpetuar as narrativas negativas e estabeleceu um imaginário para Brasília que se transformou em preconceitos reproduzidos por toda parte. Brasília tornou-se o exemplo presumido do fracasso do urbanismo e da arquitetura modernos.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

Os testemunhos de visitantes estrangeiros influentes na *intelligentsia* constituem um capítulo especial na trajetória da nova capital do Brasil. Nasceram dessas narrativas muito das reputações que se cristalizaram internacionalmente nas primeiras décadas de sua existência. Decorridos quase sessenta anos da inauguração, Brasília ainda ostenta um imaginário modelado nessas opiniões.

As opiniões provenientes de espectros ideológicos tão diferentes encontraram pontos comuns em criticar Brasília nos seus primeiros dias. Bioy Casares, Beauvoir e Dos Passos ecoaram várias observações que circularam naquele momento. Seus comentários pessoais pareciam vozes indistintas em um coro de incredulidade e críticas desfavoráveis.

John Dos Passos foi um jovem socialista, que se tornou conservador ao ponto de simpatizar com o macarthismo nos anos 1950. Bioy Casares, como já dito, era do círculo de Jorge Luis Borges. Vale recontextualizar o papel de Sartre e Beauvoir no universo cultural da época e seu prestígio no mundo. O casal era o arquétipo do envolvimento político das esquerdas e do ativismo intelectual. A posição de liderança de ambos os tornou autoridades e porta-vozes influentes dos círculos marxistas nos anos 1950 e 1960. O jovem Mario Vargas Llosa (n. 1936) era um desses seguidores entusiastas. O escritor peruano dá a medida do impacto das ideias e atitudes de sua admiração (e desencanto) pelo filósofo francês:

Quando eu era estudante, lia Sartre apaixonadamente e acreditava piamente na sua tese sobre o compromisso do escritor com seu tempo e sua sociedade. Que as “palavras são atos” e que, escrevendo, um homem pode agir sobre a história. Hoje, em 1987, ideias como essas podem parecer ingênuas e provocar bocejos – vivemos uma onda de ceticismo quanto aos poderes da literatura e em relação à história –, mas nos anos cinquenta a ideia de que o mundo podia ser mudado para melhor e que a literatura devia contribuir para isso nos parecia convincente e exultante. ([VARGAS LLOSA](#), 2010, p. 359)

Vargas Llosa recorda sua admiração paradoxal em sua juventude tanto para como Sartre quanto para com Borges:

Para mim, ele [Borges] representava, de uma forma quimicamente pura, tudo aquilo que Sartre me ensinara a odiar: o artista retirado de seu mundo e da atualidade, em um universo intelectual de erudição e fantasia; o escritor desdenhoso da política, da história e até mesmo da realidade, que o seu ceticismo e seu sorridente desdém em relação a tudo que não seja literatura expõem com despudor; o intelectual que não apenas se permitia ironizar os dogmas e as utopias da esquerda como também levava sua iconoclastia ao ponto de se filiar ao Partido Conservador sob o insolente argumento de que os cavalheiros se filiam, de preferência, a causas perdidas. ([VARGAS LLOSA](#), 2010, p. 360)



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

Ao se ler autores como Tafuri & Dal Co (o primeiro nunca visitou Brasília; o segundo, não no momento em que eles escreveram o livro) há de se pensar como eles elaboram o juízo. Devem ter lido e reproduzido comentários difundidos na mídia europeia, como se percebe na recorrência da "selva" ou na superficial comparação com os blocos habitacionais soviéticos. Talvez a autobiografia de Simone de Beauvoir tenha sido uma referência.

No plano interno, Freyre não foi a única voz discordante; como, no geral, muitas reações procederam de divergências políticas e ideológicas; os próceres do udenismo e cercanias à frente das críticas.

O reconhecimento da cidade como Patrimônio da Humanidade, em 1987 ([PERALVA, 1988](#)), agregou outros significados à capital. Brasília é a caçula das cidades reconhecidas pela UNESCO, ao lado de Lijiang (suas origens remontam ao século 12), Quito ou Potosi (cidades "inventadas" pelos colonizadores espanhóis há quatro séculos), ou nossas Olinda ou Goiás Velha – cujas pátinas e ruínas fazem parte do charme urbano.

Costumo importunar meus interlocutores urbanistas e do patrimônio histórico com o paradoxo do conceito de "centro histórico". É sempre presente o conflito entre a preservação do chamado núcleo histórico e a expansão urbana, considerando a cidade como uma totalidade, um conjunto vivo. Os centros históricos tradicionais são tecidos de traço antigo (ruas estreitas e pitorescas, concentração de monumentos, infraestrutura precária e semi-obsoleta) pressionados pela cidade nova (sistema viário da era do automóvel, parcelamentos segundo normas "modernas"). O exemplo recorrente é Ouro Preto, volta e meia presente no noticiário, quer pelos acidentes com transporte de carga, problemas geológicos ou a ameaçadora expansão urbana moderna a macular o entorno. O Plano Piloto de Brasília – a área traçada por Lucio Costa, coalhada dos edifícios de Niemeyer, o setor tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional –, é o "centro histórico" que deve ser preservado, com estrutura inovadora (autopistas, superquadras, extensas áreas verdes, etc.), servido de todos os confortos, pressionado pelas cidades-satélites, de traçados convencionais e precariedade de infraestrutura.

Esses dois universos são as duas faces da mesma moeda, da mesma Brasília.

A celebração do cinquentenário da inauguração de Brasília ensejou muitos olhares distintos sobre a cidade, para além daqueles que tratavam das segregações e desigualdades.

A consciência do nascedouro se torna aguda com as publicações das pesquisas de Jeferson Tavares ([2014](#)) e Milton Braga ([2010](#)) sobre o concurso para o Plano Piloto e os projetos finalistas que ficaram para trás diante da proposta de Lucio Costa.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

A consolidação de um turismo arquitetônico já se vislumbrava no final do século passado, com a publicação de guias de arquitetura, como as realizadas pela Fundação Athos Bulcão ([BRAGA](#), 1997), pela Editora Abril em 2000 ([GUIARQUITETURA](#), 2000) com pesquisa de Sylvia Ficher e Geraldo Sá Nogueira Batista na parte de arquitetura e urbanismo) e o guia dedicado a Oscar Niemeyer, realizado por Sylvia Ficher e Andrey Schlee ([FICHER; SCHLEE](#), 2010) para o cinquentenário, além do descolado guia da arquiteta Gabriela Bílá ([2014](#)).

Mais tocante foi o resgate de imagens dos seus primórdios, como nas publicações de Lina Kim e Michael Wesely, *Arquivo Brasília* ([WESELY; KIM](#), 2010), recuperando fotografias de acervos públicos e coleções particulares, as fotografias de Marcel Gautherot, Peter Scheier e Thomas Farkas, reunidas em *As construções de Brasília* ([ESPADA](#), 2010), e a antologia dedicada aos registros fotográficos de Marcel Gautherot ([BURGI; TITAN J.](#), 2010). Essas publicações retratam a nascente e jovem capital que sequer os candangos teriam consciência em sua amplitude e complexidade. Estudos sobre preservação arquitetônica e urbanística, como o livro de Sandra Bernardes Ribeiro ([2005](#)), incorporam questões como a memória, gestão do patrimônio e identidades culturais como parte do repertório e das mentalidades de uma cidade que já não é mais tão jovem.

Em uma dessas publicações, dedicada às magníficas fotos de Gautherot, há um texto de Kenneth Frampton. Evidencia-se, mas não surpreende, que o autor de "História Crítica da Arquitetura Moderna" não parece o mesmo autor do ensaio "O destino de Brasília" ([FRAMPTON](#), 2010, p. 17-30). Frampton aos 50 anos de idade não é o mesmo Frampton aos 80 anos, assim como em trinta anos Brasília mudou. Nas muito mais linhas que o historiador inglês dedicou à cidade no ano de seu cinquentenário, não aparece a Brasília desigual de arquitetura repressiva. Embora Frampton tenha conhecido a cidade nos dois tempos,¹⁷ seus textos parecem derivar menos do que viu e mais do que leu.

Em quase sessenta anos de existência, Brasília nem é a "cidade do amanhã", nem a ficção científica de ontem. Brasília não se tornou uma distopia nem uma ruína maravilhosa, nem em uma favela deserta em escala colossal. Não é mais a utopia anunciada, um sonho. Tampouco é um testemunho feio do espaço abstrato. É uma cidade com alma, coração, carne e sangue. É uma síntese dos paradoxos de uma nação que é ao mesmo tempo hiperdesenvolvida e subdesenvolvida. Não superou suas contradições, e nem as superará. Brasília maturou territorialidades simbólicas. Seus espaços abrigam ritos populares num cenário monumental. A permeabilidade entre espaço público e lugar político estabelece uma

¹⁷ Em conversa em Uberlândia em novembro de 2017, Kenneth Frampton afirmou que visitou Brasília nos anos 1960, sem precisar quando.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

relação que configura e reforça identidades sociais e a construção da cidadania. A paisagem edificada do plano piloto – patrimônio da humanidade – parece imutável, mas a cidade move-se constantemente. Entre a exuberância formal dos monumentos criados por Niemeyer e a efervescência social nas cidades-satélites, conforma-se a memória urbana da capital. Ela se tornou uma cidade real. Uma cidade em mudança, tão dinâmica como deve ser historiografia e crítica da Arquitetura e do Urbanismo.

“As pessoas obrigadas a se mudarem do Rio a Brasília estão ressentidas e tristes. Dizem que destruir os costumes, alterar a vida cotidiana de tanta gente, é criminoso. Brasília é uma operação de sátrapa indiferente a milhares e milhares de pessoas que formaram sua vida no Rio e deverão truncá-la, para começar de novo em outra parte,” escreveu Bioy Casares. Decerto, a grande maioria dos candangos já nos deixou. O candango virou brasileiro. O “homem de Brasília”, previsto por Clarice Lispector, nasceu e cresceu entre Adolfo Bioy Casares e Frederico de Holanda.

Referências

- ABREU, Alzira Alves de. **O ISEB e o desenvolvimentismo**. O Brasil de JK. FGV CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/ISEB>. Acesso em 18 fev. 2019.
- BAUER, Rosane (1997). **Living with Brasilia**. Göteborg: Chalmers University of Technology, 1997.
- BEAUVOIR, Simone de (2000). **Cartas a Nelson Algren**: um amor transatlântico 1947-1964. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BEAUVOIR, Simone de (1965). **Sob o signo da história**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- BÍLÁ, Gabriela (2014). **O novo guia de Brasília**. Brasília: Edição do autor.
- BLUMENSCHNEIN, Fernando (Coord.) (2005). **Índice de Condições de Vida (ICV) nas capitais dos estados do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; FGV Projetos. Disponível em: <http://www.silvaporito.com.br/wp-content/uploads/2017/09/Pesquisa-FGV-2005-Qualidade-de-Vida-nas-Capitais.pdf>. Acesso em 30 mar. 2018.
- BRAFMAN, Luciana (2005). **São Paulo é só a 11º no ranking de satisfação**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 out. 2005, p. C1.
- BRAGA, Andrea da Costa, FALCÃO, Fernando A. R (1997). **Guia de Urbanismo, Arquitetura e Arte de Brasília**. Brasília: Fundação Athos Bulcão.
- BRAGA, Milton (2010). **O concurso de Brasília**: sete projetos para uma capital. São Paulo: Cosac Naify; Imprensa Oficial do Estado; Museu da Casa Brasileira.
- BRASÍLIA e a opinião mundial. **Rio de Janeiro**: Presidência da República, 1958 (tomo I), 1959 (tomo II).
- BRASÍLIA, coração do Brasil. **Epopéia**, Rio de Janeiro, jan. 1959. Edição especial.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

BURGI, Sergio, TITAN J., Samuel (Org.) (2010). **Brasília – Marcel Gautherot**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

CAMPOS, Marcio (2006). **Architectural and social modernity: the image of Brasília in the European movies**. In: INTERNATIONAL DOCOMOMO CONFERENCE, 6, 2000, Brasília. Conference Proceedings: The Modern City Facing the Future, Salvador: Universidade Federal da Bahia; Brasília: Universidade de Brasília.

Cartão de visita de um homem famoso: Mário Meirelles (prefeito de Brasília) Ladrão de Brasília e sócio de JK há mais de 15 anos. **Maquis**, Rio de Janeiro, n. 127, p. 20-21, 14 nov. 1957.

CASARES, Adolfo Bioy (2010). **Unos días en el Brasil (diario de viaje)**. Buenos Aires. La Compañía de los Libros.

CASTRO, Josué (1960). **A significação geopolítica de Brasília**. Brasília, Rio de Janeiro, n. 42, p. 1, jun.

CEPÊDA, Vera Alves (2012). O Brasil em movimento de John Dos Passos. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 11, p. 221-223, jul.-dez. Disponível em: <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/197/183>. Acesso em 07 fev. 2019.

CONSTRUÇÃO de Brasília inspirou músicas contra e a favor da nova capital. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 abr. 2013. Disponível em: <http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/canta-brasilia/2013/04/21/internacantabrasilia,361444/construcao-de-brasilia-inspirou-musicas-contrae-a-favor-da-nova-capital.shtml>. Acesso em 30 mar. 2018.

CORBISIER, Roland (1960). **Brasília e o desenvolvimento nacional**. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros.

CURTIS, William (1982). **Modern Architecture Since 1900**. Londres: Phaidon, 1982 [edição brasileira: Arquitetura moderna desde 1900. Porto Alegre: Bookman, 2008]. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2810200501.htm>. Acesso em 30 mar. 2018.

DOS PASSOS, John (2013). **O Brasil em movimento**. São Paulo: Benvirá/Saraiva.

DOS PASSOS, John (1964). **O Brasil desperta**. Rio de Janeiro: Record.

DOS PASSOS, JOHN. **Timeline**. Disponível em <http://www.johndospassos.com/biography/>. Acesso em 13 fev. 2019.

EPSTEIN, David G (1973). **Brasilia, Plan and Reality: a Study of Planned and Spontaneous Urban Development**. Berkeley: University of California Press.

ESPADA, Heloísa (Coord.) (2010). **As construções de Brasília**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles.

ESPEJO, L. Arturo (1984). **Rationalité et formes d'occupation de l'espace**. Paris: Anthropos.

SHOUMATOFF, Alex (1987). **The Capital of Hope: Brasilia and its People**. New Mexico: University of New Mexico Press.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

EVENSON, Norma (1973). **Two Brazilian Capitals: Architecture and Urbanism in Rio de Janeiro and Brasília.** New Haven; London: Yale University Press.

FENEJA, Fernanda Luísa (2014). Across Genres: John Dos Passos Brazil On The Move. **Revista Línguas & Letras**, Cascavel, PR, v. 15, n. 30, 2014. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/9806/8077>. Acesso em 09 fev. 2019.

FERREIRA, Rodrigo Otavio Seixas (2015). A imprensa como "arma e guerra": a trajetória da revista Maquis (1956-1962). In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 28, 2015. Florianópolis. Anais eletrônicos... Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade do Estado de Santa Catarina, ANPUH. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434422713_ARQUIVO_ArtigoSimposio.pdf. Acesso em 18 fev. 2018.

FICHER, Sylvia; SCHLEE, Andrey (2010). **Guia de obras de Oscar Niemeyer: Brasília 50 anos.** Brasília: Instituto de Arquitetos do Brasil; Câmara dos Deputados.

FRAGA, Plínio. Filósofos do PAC (2012). Projeto de lei prevê que pensadores acompanhem obras do país. **Piauí**, São Paulo, n. 66, mar. 2012. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/filosofos-do-pac/>. Acesso em 18 fev. 2019.

FRAMPTON, Kenneth (1980). **Modern Architecture: A Critical History.** London: Thames & Hudson, 1980 [ed. brasileira: História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1997].

FRAMPTON, Kenneth (2010). O destino de Brasília. In: BURGI, Sergio, TITAN J., Samuel (Org.). **Brasília** – Marcel Gautherot. São Paulo: Instituto Moreira Salles, p. 17-30.

FREYRE, Gilberto (1968). **Brasis, Brasil, Brasília.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record.

FREYRE, Gilberto (1982). **Rurbanização: que é?** Recife: Massangana.

GOLDBERGER, Paul (1999). "New Yorker" saúda Brasília. A prestigiosa revista americana pergunta-se por que a capital está mais atraente do que nunca. **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais!.

GONÇALO JR (2004). **A Guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64.** São Paulo: Companhia das Letras.

GOROVITZ, Matheus (1985). **Brasília: uma questão de escala.** São Paulo: Projeto.

GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos (2000). **Brasília: A capital da segregação e do controle social.** São Paulo: Annablume.

GUIARQUITETURA Brasília (2000). São Paulo: Empresa das Artes.

HESS, Alan. Report: back to Brasília (1991). **Progressive Architecture** v. 72, n. 10.

HOLANDA, Frederico de (2002). **O espaço de exceção.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

HOLSTON, James (1993). **A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia.** São Paulo: Companhia das Letras.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

HOLSTON, James (1989). **The Modernist City:** an Anthropological critique of Brasilia. University of Chicago Press [edição. brasileira: **A cidade modernista:** uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 2005].

HUGHES, Robert (1991). **The shock of the new:** art and the century change. London: Thames and Hudson.

JENCKS, Charles (1977). *The Language of Post-modern Architecture*. New York: Rizzoli.

John Dos Passos. *Timeline*. Disponível em <http://www.johndospassos.com/biography/>. Acesso em 13 fev. 2019.

KRAUSE, Katia Iracema (2016). **O Brasil de Amaral Netto, o repórter – 1968-1985**. Tese (Doutoramento em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1796.pdf>. Acesso em 16 fev. 2019.

LARA, Fernando Luiz. Espelho de fora. *Arquitextos*, São Paulo, n. 004.07, Vitruvius, set. 2000. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.004/986>. Acesso em 23 dez. 2018.

LISPECTOR, Clarice (1999). **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco.

MOURÃO, Gerardo Mello. A volta ao Rio (1992). **Folha de S. Paulo**, São Paulo. Seção Tendências/Debates.

OLIVEIRA, Márcio de (2006). O ISEB e a construção de Brasília. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 487-512, 2006. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5240>. Acesso em 17 fev. 2019.

PAVIANI, Aldo (Org.) (1996). **Brasília:** moradia e exclusão. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

PAVIANI, Aldo (Org.) (1991). **A conquista da cidade:** movimentos populares em Brasília. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

PAVIANI, Aldo (Org.) (1999). **Brasília – Gestão urbana:** conflito e cidadania. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

PAVIANI, Aldo (Org.) (1985). **Brasília, ideologia e realidade:** espaço urbano em questão. São Paulo, Brasília: Projeto CNPq.

PAVIANI, Aldo (Org.) (1989). **Brasília, metrópole em crise**. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

PERALVA, Osvaldo (1988). **Brasília, Patrimônio da Humanidade (um relatório)**. Brasília: Ministério da Cultura.

POPULAÇÃO de Brasília é a mais satisfeita com qualidade de vida, revela pesquisa da FGV. Agência Brasil, Brasília, 27 out. 2005. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2005-10-27/populacao-de-brasilia-e-mais-satisfeita-com-qualidade-de-vida-revela-pesquisa-da-fgv>. Acesso em 30 mar. 2018.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756

RÁDIO oficial não gostou: Samba (que não é de índio) não quer ir para Brasília. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1 nov. 1957, 1º Caderno, p. 9. Disponível em: <https://fauufpa.org/2014/10/23/nao-vou-pra-brasilia-por-billy-blanco>. Acesso em 30 mar. 2018.

RELATÓRIO do Plano Piloto de Brasília (1991). Brasília: GDF.

RIBEIRO, Sandra Bernardes (2005). **Brasília**: memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural. São Paulo: Annablume.

ROMANO, Luís Antônio Contatori (2002). **A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960**. Campinas, SP: São Paulo, Mercado de Letras; FAPESP.

SEGAWA, Hugo (2018). **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 3 ed. São Paulo: Edusp.

SEGAWA, Hugo (1987). **Lucio Costa**: a vanguarda permeada com a tradição. Projeto, São Paulo, n. 104.

Só neste ano Brasília engoliu seis bilhões de cruzeiros dos Institutos de Previdência. **Maquis**, Rio de Janeiro, n. 115, p. 10-12, 22 ago. 1959.

SODRÉ, Nelson Werneck (1978). **Oscar Niemeyer**. Rio de Janeiro: Graal.

SULLIVAN, Edward J (Ed.) (2001). **Brazil Body & Soul**. New York: Guggenheim Museum.

TAFURI, Manfredo; DAL CO, Francesco (1986). **Modern Architecture/2**. New York: Rizzoli.

TAVARES, Jeferson (2014). **Projetos para Brasília 1927-1957**. Brasília: IPHAN.

Teste de Rorschach. **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teste_de_Rorschach. Acesso em: 22 fev. 2018.

The Man From Rio. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/That_Man_from_Rio. Acesso em 30 mar. 2018.

VAITSMAN, Maurício (1959). **Brasília e Amazônia**: reportagens. Rio de Janeiro: SPVEA.

VARGAS LLOSA, Mario Vargas (2010). **Sabres e utopias**: visões da América Latina. Rio de Janeiro: Objetiva.

VOSS, Dan. **Who wrote "Brasilia"?** Disponível em: <http://uebergreifen.blogspot.com.br/2013/04/who-wrote-brasilia.html>. Acesso em 30 mar. 2018.

Weit Is Der Weg. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Weit_ist_der_Weg. Acesso em 30 mar. 2018.

WESELY, Michael, KIM, Lina (2010). **Arquivo Brasília**. São Paulo: Cosac Naify.

XAVIER, Alberto, KATINSKY, Julio (Org.) (2012). **Brasília: Antologia Crítica**. São Paulo: Cosac Naify.

ZEIN, Ruth Verde; LIMA, Ana Gabriela Godinho (2000). What Do We Really Know About Brasília? Misleading and Prejudice in Canonical Books. In: **INTERNATIONAL DCOMOMO CONFERENCE #6**, Brasília. Conference Proceedings: The Modern City Facing the Future, Salvador: Universidade Federal da Bahia; Brasília: Universidade de Brasília, [2006], p. 73-76.

ZEVI, Bruno (1978). **Cronache di Architetura 6**: dalla scomparsa di F. Ll. Wright all'inaugurazione di Brasilia. Bari: Laterza.